

John Wesley e a educação de crianças e adultos na Inglaterra setecentista

*Vinicius Couto**

Resumo

O presente ensaio discute a educação de crianças e adultos no contexto setecentista da Inglaterra, promovida pelo clérigo anglicano John Wesley. Como os modelos educacionais apreendidos a partir de sua mãe, dos morávios, de Comenius e de Locke lhe ajudaram a atuar pedagógica e andragogicamente? Nossa hipótese é que ele tenha adotado uma perspectiva teológica que entendia que missão e educação devem caminhar juntas, promovendo espiritualidade e cidadania. Nossos objetivos são (1) compreender as principais influências educacionais que Wesley sofreu, (2) revisitar sua atuação prática na educação infantil na Geórgia e em Kingswood, e (3) analisar sua atuação na educação de adultos nas sociedades metodistas e em seu discurso ao clero. A justificativa desse artigo reside no fato de que, existem poucas discussões críticas sobre Wesley e seu envolvimento na educação. A pesquisa é qualitativa e a metodologia é exploratória. O referencial teórico se dá a partir das principais fontes primárias do clérigo anglicano com relação ao processo de ensino e aprendizagem de crianças e adultos. Espera-se que, as análises do presente texto possam colaborar com a educação brasileira.

Palavras-chave: Educação; metodismo; John Wesley; educação infantil; educação de adultos

John Wesley and the education of children and adults in eighteenth-century England

Abstract

This essay discusses the education of children and adults in the context of eighteenth century England, promoted by the Anglican clergyman John Wesley. How did the educational models learned from your mother,

* Pós-doutorando em Educação, Artes e História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Mestrando em Educação pela UMESP, teólogo e historiador.

the Moravians, Comenius and Locke help you act pedagogically and andragogically? Our hypothesis is that he adopted a theological perspective that understood that mission and education must go together, promoting spirituality and citizenship. Our objectives are (1) to understand the main educational influences that Wesley suffered, (2) to revisit his practical work in early childhood education in Georgia and in Kingswood, and (3) to analyze his work in adult education in Methodist societies and in his speech to clergy. The justification for this article lies in the fact that there are few critical discussions about Wesley and his involvement in education. The research is qualitative and the methodology is exploratory. The theoretical framework is based on the main primary sources of the Anglican clergyman in relation to the teaching and learning process of children and adults. It is hoped that the analyzes in this text can contribute to Brazilian education.

Key-words: Education; methodism; John Wesley; child education; adult education.

Juan Wesley y la educación de niños y adultos en la Inglaterra del siglo XVIII

Resumen

Este ensayo analiza la educación de niños y adultos en el contexto de la Inglaterra del siglo XVIII, impulsada por el clérigo anglicano John Wesley. ¿Cómo te ayudaron a actuar pedagógica y andragógicamente los modelos educativos aprendidos de tu madre, los moravos, Comenius y Locke? Nuestra hipótesis es que adoptó una perspectiva teológica que entendía que misión y educación deben ir juntas, promoviendo la espiritualidad y la ciudadanía. Nuestros objetivos son (1) comprender las principales influencias educativas que sufrió Wesley, (2) revisar su trabajo práctico en educación infantil en Georgia y en Kingswood, y (3) analizar su trabajo en educación de adultos en sociedades metodistas y en su discurso al clero. La justificación de este artículo radica en el hecho de que existen pocas discusiones críticas sobre Wesley y su participación en la educación. La investigación es cualitativa y la metodología es exploratoria. El marco teórico se fundamenta en las principales fuentes primarias del clérigo anglicano en relación al proceso de enseñanza y aprendizaje de niños y adultos. Se espera que los análisis contenidos en este texto puedan contribuir a la educación brasileña.

Palabras clave: Educación; metodismo; Juan Wesley; educación Infantil; educación de adultos

Introdução

No meio teológico, John Wesley (1703-1791) é constantemente lembrado como um ministro da Igreja da Inglaterra, engajado com a evangelização e com diversas pautas sociais (e.g., abolição da escravidão, inserção das mulheres na liturgia, direitos prisionais, questões ambientais, saúde, pobreza, trabalho etc.). Uma faceta menos explorada, é o seu envolvimento com a educação. Como disse Towns (1970, p. 318), “Wesley foi um pioneiro da educação popular, estimulando a vida intelectual do povo inglês e conduzindo empreendimentos educacionais continuamente por mais de cinquenta anos”.

Neste ensaio, abordamos as principais influências de Wesley no que tange a educação, dentre as quais se destacam sua mãe, os morávios, Iohannes Amos Comenius e John Locke. Em seguida, discutimos a implantação de uma escola infantil em Kingswood, um projeto desafiador e que demonstrou o valor que Wesley dava ao processo de ensino e aprendizagem. Visto que nem todas as pessoas tinham condições de pagar por estudos formais, analisamos as maneiras como Wesley também procurou contribuir com a educação infantil a partir dos lares, orientando aos pais sobre como fazer isso de maneira eficiente; não obstante, os adultos também precisavam ser alcançados pela dádiva da educação e este texto averigua como o clérigo anglicano destacou tópicos que poderiam contribuir com a andragogia metodista.

Educação começa em casa: o legado de Susanna Wesley

Educar vem do latim, *educare*, cujo significado envolve a ideia de alimentar, nutrir, criar, desenvolver. A educação, numa visão contemporânea, de acordo com Maria Lúcia Aranha (1989, p. 49), é “[...] um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social”. Era comum, nos tempos mais antigos, que o processo educacional fosse feito a partir de valores religiosos, de modo que os aspectos integrais salientados

por Aranha também eram pontos centrais na formação discente. Podemos nos deparar com esse modelo na vida de John Wesley.

Seus pais, Susanna Wesley (1669-1742) e Samuel Wesley (1662-1735), tiveram um papel preponderante em sua educação de base. Ao todo, o casal teve dezenove filhos, mas somente dez sobreviveram na infância.¹ Naquela época, a mortalidade infantil era altíssima. Cerca de 20% dos bebês morriam ainda no primeiro ano de vida e dos que sobreviviam, cerca de 33% não ultrapassavam os cinco anos de idade. Entre os adultos, a situação não amenizava tanto, pois a expectativa de vida girava em torno de 37 anos. As principais enfermidades letais eram tifo, disenteria, sarampo e gripe (PORTER, 1991, p. 13). Para termos ideia, quando ela morreu em 1742, aos 73 anos de idade, apenas oito dos seus filhos ainda estavam vivos.

Wallace Jr. (1997, p. 368) explica que, “na época em que Susanna começou a criar sua família, a educação dos filhos como um dever dos pais já havia se tornado um lugar comum nos círculos puritanos e anglicanos”. O puritano Richard Baxter (1833, p. 228), que fora amigo do pai de Susanna, declarou certa vez: “especialmente vocês, mães, lembrem-se disso; vocês estão mais com seus filhos enquanto eles são pequenos do que com seus pais, portanto, ensinem-nos tão logo eles sejam capazes de aprender”.² Na obra devocional anglicana *The Whole Duty of Man* (O dever pleno do homem), publicada em 1658, possui uma seção intitulada *Parents Duty to Children* (Deveres

¹ O filho mais velho se chamava Samuel Jr (1690-1739). Em seguida, seguem cinco mulheres: Emily (1692-1771), Susana “Suckey” (1695-1764), Mary (1696-1734), Mehetabel (1697-1750) e Anne (1701-1742). John é o próximo e logo depois nasce mais uma mulher, Martha (1706-1791). Charles (1707-1788) foi o próximo e Kezia (1709-1741) a última. Além destes, possivelmente o casal tenha perdido outros nove filhos que morreram ainda na infância: Susana (1692-1693), as gêmeas Annesley e Jedediah (1694-1695), os gêmeos John e Benjamin (1699-1670), John Benjamin (1701-1701) e mais três sem nome, que provavelmente já nasceram em óbito ou foram perdidos durante a gravidez. Para mais detalhes sobre a vida de Susanna, ver NEWTON, 1968, que é a biografia mais crítica e historiográfica à nossa disposição. Para leituras biográficas razoáveis com teor hagiográfico, temos DALLIMORE, 1993; KIRK, 1864.

² A obra é originalmente de 1677. O próprio John Wesley chegou a ser educado em literaturas de Richard Baxter, que seus pais na “preocupação com a disciplina, nos princípios e na boa ordem” (cf. COLLINS, 2003, p. 16, 28).

dos pais para com os filhos), onde afirma-se que, além de conduzir os filhos ao batismo (lembrando que os anglicanos eram pedobaptistas) e de zelar pela alimentação e integridade física deles, os pais “devem cuidar da educação da criança” (ALLESTREE, 1696, p. 284).³ Deste modo, a educação deveria começar em casa.

E, nesse sentido, Susanna levava muito a sério a educação de seus filhos. Ela colocava “a educação das crianças no topo da sua lista de prioridades” (NEWTON, 1968, p. 106-107) e não quis que nenhum deles fosse estudar na escola local, pois tinha sérias restrições com o diretor da escola, John Hollan, considerando-o um homem incompetente – do ponto de vista educacional – e perverso – do ponto de vista moral. Nesse sentido, a escola não seria uma boa referência e tampouco um lugar de formação holisticamente apropriada. Sendo assim, ela mesma se encarregou de tal missão. Não era ainda comum que as mulheres tivessem tanto acesso à educação, no entanto, Susanna sabia três idiomas (grego, latim e francês) e era conhecedora da teologia patrística (MILLER, 1943, p. 11). Ela tinha preparo para educar os filhos na alfabetização e nos assuntos básicos da religião e da civilidade, mas posteriormente teria que encaminhar os filhos para alguma escola formal.⁴

Além disso, Susanna também era uma leitora voraz. De acordo com Wallace, ela claramente tinha influências filosóficas de John Locke. Ele menciona: “já notámos o seu fascínio pelo *Essay concerning Human Understanding* [Ensaio sobre o Entendimento Humano],

³ Esse livro foi publicado originalmente em 1658 e acredita-se que a autoria é de Richard Allestree (1621/22-1681).

⁴ Dallimore (1993, p. 79) explica que “John frequentou as aulas de sua mãe na reitoria até os onze anos de idade, quando foi enviado a Londres para frequentar a Charterhouse School. Charles também frequentou a escola de sua mãe e, aos nove anos, foi morar com seu irmão Samuel e frequentou a Westminster School. [...] Depois que os filhos saíram de casa, porém, Susanna decidiu continuar a instruí-los, fazendo isso em diversas cartas. O conteúdo de algumas dessas cartas estava manifestamente acima da compreensão dos meninos, mas mostrava-lhes que havia um aprendizado avançado disponível na vida”. Ver, por exemplo, as cartas dela a John Wesley sobre o predestinacionismo de Tomás à Kempis, datadas de 8 de junho e 18 de julho de 1725 (WESLEY, 1778, vol. 1, p. 33, 37).

de John Locke, partes do qual ela copiou no seu diário” (WALLACE JR., 1997, p. 368). Além disso, ele ainda complementa que, “Susanna Wesley parece também ter sido uma das primeiras leitoras do trabalho ligeiramente posterior de Locke, *Some Thoughts Concerning Education* [Alguns pensamentos sobre a Educação], cujos primeiros ecos podem ser vistos no seu diário (entradas 55 e 103)” (WALLACE JR., 1997, p. 368). Outrossim, Wallace conclui: “suas práticas educativas e de criação dos filhos estão salpicadas de ressonâncias lockeanas, embora sem citações diretas” (WALLACE JR., 1997, p. 368). Poderemos constatar tal similaridade em alguns momentos.

Assumindo, portanto, a responsabilidade de educar os filhos na infância, a alfabetização se deu em torno de um currículo que mesclava temas religiosos, a língua materna e, com o passar do tempo, idiomas clássicos, como grego e latim.⁵ Sentindo dificuldade de encontrar obras específicas para aquela faixa etária, a própria Susanna elaborou alguns materiais didáticos, tais como *An exposition of the Apostles Creed* (Uma exposição do Credo dos Apóstolos) (WESLEY, S. 1997, p. 377-407), de 1709, *An exposition of the Ten Commandments* (Uma exposição dos Dez Mandamentos) (WESLEY, S. 1997, p. 408-424), escrita entre 1709 e 1711, e *Religious conference written for the use of my children* (Conferência religiosa escrita para uso de meus filhos) (WESLEY, S. 1997, p. 425-461), escrita entre 1711 e 1712.

Era comum no tipo de educação daquele tempo, mais austeridade com no processo pedagógico.⁶ Susanna dizia que “para formar as mentes das crianças, a primeira coisa a fazer é subjugar sua vontade e levá-las a um temperamento obediente” (HEITZENRATER, 1996, p. 26). Não se deveria dar muito espaço para as crianças ficarem brincando e bagunçando, pois isso poderia fazer com que os professores perdessem o controle e incentivassem a uma vida desregrada. De acordo com Susanna (1997, p. 370), “o céu ou o inferno dependem apenas disso. Pois que os pais que estudam sub-

⁵ Holmes (2016, p. 21) comenta que por ser “instruído em línguas clássicas [pelos seus pais] foi capaz de ler o Novo Testamento grego antes dos dez anos de idade”.

⁶ Veja, por exemplo, uma discussão sobre os diversos princípios educacionais de John Locke, que viveu na mesma época de Susanna, em COUTO, 2023b.

jugar isso em seu filho trabalham junto com Deus na renovação e salvação de uma alma”. Por isso, ela dizia: “insisto em conquistar a vontade das crianças porque este é o único fundamento forte e racional de uma educação religiosa, sem a qual o preceito e o exemplo serão ineficazes” (WESLEY, S., 1997, p. 370).

John Locke (2019, p. 67) ensinou em sua obra *Alguns pensamentos sobre a educação*, publicada em 1693: “[...] devemos habituar as crianças logo a partir do berço a dominar os seus desejos e a prescindir dos seus caprichos”. Para ele, “quem não tiver contraído o hábito de submeter a vontade à razão dos outros quando era jovem terá um grande trabalho em submeter-se à sua própria razão, quando tiver idade de fazer uso dela” (LOCKE, 2019, p. 63). Ademais, no entendimento lockeano, deve-se investir na repetição dos bons hábitos na infância, pois “o espírito das crianças toma este ou aquele rumo tão facilmente como a água” (LOCKE, 2019, p. 40). Esses são alguns trechos que ecoam nitidamente a pedagogia de Susanna.

Além da austeridade, Wesley foi educado com disciplina, ao ponto de Susanna ser tido frequentemente como a mãe do metodismo.⁷ De acordo com Kirk (1864, p. 136), biógrafo de Susana, “a vida de seus filhos era regulada por método,” de modo que eles tinham horários para todas as atividades, desde acordarem, alimentarem-se, estudarem e dormirem. A alimentação também era disciplinada. Poderiam comer apenas três vezes por dia e sem ingerir nada fora do horário, sob a possibilidade de punição. A quantidade também era dosada, para que não desperdiçassem comida e para que não comessem mais do que era necessário para o organismo. Eles iam dormir logo após terem jantado, às 7 horas da noite (WESLEY, S., 1997, p. 369-370). Oliveira comenta:

Cada um dos filhos, logo que pudesse falar, aprendia a oração do Pai Nosso; aprendia o alfabeto de cor e a escrever as letras maiúsculas e minúsculas, no dia do seu quinto aniversário; apenas duas filhas precisaram mais meio dia para vencer o aprendizado. Depois, eles entravam para a escola que funcionava no lar, sob a direção da própria Suzana, e as crianças maio-

⁷ Isso pode ser visto em HEITZENRATER, 1996, p. 25; HARPER, 1983, p. 16; LELIÈVRE, 1997, p. 25.

res ajudavam a ensinar as menores; não era permitido qualquer interrupção das 9h às 12h e das 14h às 17h de cada dia (OLIVEIRA, 2003, p. 80).⁸

A disciplina metódica de Susanna também se estendia ao comportamento dos filhos, que precisavam ter modéstia no choro e nas risadas.⁹ Durante o período de estudos, Susanna (1997, p. 372) disse que “não era permitido falar alto ou brincar” e “todos eram mantidos perto de seus afazeres durante as seis horas de aula”. As crianças aprendiam, desde cedo, a se vestir e despir, a trocar a roupa de cama, e a fazer outras atividades domésticas básicas (WESLEY, S., 1997, p. 369). O grande *telos* da educação de Susanna era que eles fossem bons cidadãos e cristãos exemplares.¹⁰ Além disso, “uma característica interessante de sua dedicação com os filhos é o fato de que Susana os ensinava de acordo com seus temperamentos individuais” (COUTO, 2018, p. 38). Isso também parece ecoar Locke:

Comecem, pois, desde muito cedo a observar o temperamento do vosso filho [...]. Indaguem quais são as suas paixões dominantes, os seus gostos favoritos; se é severo ou doce, atrevido ou tímido, compassivo ou cruel, aberto ou reservado, etc. De facto, conforme variem as suas inclinações, deverão variar também os vossos métodos, e a vossa autoridade deve, de certa forma, ajustar-se a estas inclinações para influenciar de formas distintas o seu espírito. [...] tenham a certeza de que o seu espírito se inclinará sempre para o lado que o inclinou originariamente a natureza; e se observarem aten-

⁸ Cf. WESLEY, S., 1997, p. 371ss, para mais detalhes sobre essa descrição.

⁹ KIRK, 1864, p. 136-138. Newton (1968, p. 56) explica melhor essa questão: “Não se deve presumir que ‘a educação dos filhos puritanos’ envolvia necessariamente ‘uma educação excessivamente séria e sem humor’. Havia um tom de grande seriedade, é claro, em qualquer lar puritano; mas não era de forma alguma incompatível com recreação e riso. Susanna deixa claro que às crianças lhe eram permitidos jogos e diversões, e de forma alguma os proibiu aos filhos. Certamente havia jogos em Epworth, incluindo um inocente jogo de cartas, embora não houvesse ‘conversas ou jogos em voz alta’”.

¹⁰ Compare com o modelo de John Locke para a formação de *gentlemen*, em COUTO, 2023b. Dallimore (1993, p. 54) explica que, “o quadro pintado por Susanna não é o de crianças vivendo com medo de que a qualquer momento uma mão pesada possa cair sobre elas, [...] mas sim o de uma família disciplinada e de crianças conscientes de que devem obedecer e que geralmente dispostas a fazer isso”.

tamente o caráter da criança nas primeiras ações da sua vida, podem imediatamente adivinhar para que lado se inclinam os seus pensamentos, quais são os seus pontos de vista, inclusive quando mais tarde for homem e cubra os seus propósitos com um véu cerrado e saiba empregar para consegui-lo uma grande variedade de meios (LOCKE, 2019, p. 131-132).

Susanna (1997, p. 372-373) ainda menciona 8 regras gerais que impunha na criação de seus filhos: (1) para evitar punições físicas, ela destacava que, quando alguém fizesse algo errado e confessasse, seria poupado disso, pois entendia que os castigos sempre levavam ao medo e à mentira;¹¹ (2) faltas (morais) cometidas no Dia do Senhor (domingo) e na igreja não ficariam impunes; (3) uma criança não deveria sofrer castigos pelo mesmo erro duas vezes e, caso se arrependesse e se consertasse, não deveriam mais ser repreendida; quando a criança fizesse algo de bom, deveria ser elogiada e recompensada para continuar a repetir tal comportamento;¹² (5) mesmo que o desempenho não tenha sido tão bom, mas a criança teve a motivação boa para fazer a ação, ela deve ser elogiada e motivada a melhorar; (6) que ninguém despreze as propriedades de terceiros, quebrando, furtando etc., nem mesmo um alfinete ou um centavo, pois isso é vergonhoso; (7) que as palavras prometidas sejam cumpridas; (8) mais à frente do

¹¹ Nessa época, as ideias de punição física vinham sendo discutidas. Locke dizia que se as companhias influenciam para o bem e para o mal e que tudo começa em casa. Se as companhias de casa (pais e mães) “são más, todas as regras do mundo e todas as punições imagináveis serão insuficientes para polir a criança”, pois “nada terá tanta influência sobre a sua conduta como as companhias que frequentam e as maneiras das pessoas que as rodeiam” (LOCKE, 2019, p. 87).

¹² Isso também se alinha com Locke. No entendimento de Batista, “a recompensa é entendida por John Locke como algo que o educando deve receber como forma de incentivar a conduta que o educador deseja que tenha”, enquanto que “a punição é algo que se aplica ao educando em virtude do fato de o mesmo desviar-se daquilo que lhe foi designado pelo seu educador” (BATISTA, 2003, p. 128-129). O filósofo britânico declarou: “Se conseguiram inspirar nos vossos filhos o amor ao sentimento de honra e o medo da vergonha e da desonra, conseguiram estabelecer no seu espírito os verdadeiros princípios que não cessarão de funcionar e incliná-los para fazer o que está correto”, os pais terão feito o que, de acordo com Locke, “em meu entender, o grande segredo da arte da educação” (LOCKE, 2019, p. 75-76).

seu tempo, que nenhuma menina fosse ensinada a trabalhar antes de saber ler muito bem.¹³

O valor da educação para John Wesley: a escola infantil na Geórgia e os modelos morávios

Além de ter essa herança de berço, Wesley seguiu seus estudos numa escola de alta qualidade, deixando sua mãe mais tranquila. Em 1714, ele ganhara uma bolsa de estudos do Conde de Buckingham para a escola de Charterhouse, onde passou os próximos seis anos de sua vida.¹⁴ Essa instituição recebia alunos da mais alta estirpe da nobreza e de outras pessoas abastadas. Wesley teve a oportunidade de ter uma educação de alto nível e se preparou muito bem para sua entrada na faculdade. Em 1720 ingressou na Christ Church, faculdade da área de teologia da Universidade de Oxford, terminando seus estudos de graduação em 1724. Em 1725 é eleito para atuar como *fellow* (um tipo de professorado) no Lincoln College, recebendo outra bolsa para seguir com estudos em nível de mestrado. Como parte das atividades de bolsista, é nomeado professor de grego e presidente de classes no ano seguinte, até que, em 1727, recebe o grau de mestre em Artes. Oliveira conta que:

Nos anos de faculdade, ele estuda grego, latim, hebraico [embora já tivesse aprendido grego e hebraico em casa com os pais], árabe, lógica, metafísica, Bíblia, teologia, ética, filosofia, oratória, poesia etc. Oxford vive “o crepúsculo de uma de suas mais gloriosas épocas, sob o famoso trio de reitores: John Fell, Henry Aldrich e Francis Atterbury. Embora Oxford vivesse em período de depressão, havia um esplêndido repositório de livros e de ciência, onde Wesley pôde construir sua grande herança cultural” (OLIVEIRA, 2003, p. 73).

¹³ De acordo com ela, isso era essencial “pois obrigar as crianças a aprenderem a costurar antes de saberem ler perfeitamente é a razão pela qual tão poucas mulheres conseguem ler de forma adequada para serem ouvidas e para nunca serem bem compreendidas” (WESLEY, S., 1997, p. 373).

¹⁴ Gláucia Silvestre diz que “a educação formal nos dias de Wesley era um privilégio usufruído por um grupo muito pequeno: as famílias nobres e os de família rica. Dificilmente uma família pobre, como era o caso dos Wesley (mediante bolsas de estudo ou trabalho) teria essa oportunidade de ir à escola. Assim, a grande maioria do povo era ignorante” (In: SILVESTRE, 2014, p. 38).

Com uma boa base educacional advinda do lar e de ótimas fundamentações na educação formal do ensino básico e universitário, Wesley trazia consigo altíssima estima pela educação. Em fevereiro de 1732, ele havia enviado uma carta a sua mãe pedindo que ela lembrasse seus métodos de educação em casa, com seus irmãos. Ela escreveu uma carta a Wesley no dia 24 de julho de 1732 resgatando diversos pontos que seguia: “Querido filho, de acordo com o seu desejo, reuni as principais regras que observei na educação da minha família, que agora lhe envio conforme me ocorreram, e você pode (se achar que podem ser úteis para alguém) descartá-los na ordem que desejar” (WESLEY, S., 1997, p. 369). Aquelas oito regras gerais que encerramos a seção anterior são tratados por ela como um resumo do seu método.

Em 1736, Wesley já demonstrava sua preocupação com a educação infantil, organizando uma escola para meninos e meninas na Geórgia e participando ele próprio do processo de catequese. A escola foi fundada com cerca de trinta ou quarenta alunos e Wesley colocou o Sr. Charles Delamotte como responsável por ensinar. Wesley enviou uma carta ao Dr. Thomas Bray, fundador da *Society for the Propagation of the Gospel* (SPG), o qual estava a enviar livros para a montagem de bibliotecas paroquiais, a fim de atender às pessoas pobres que não tinham condições de comprar livros. Na carta, registrada em seu *Diário*, por volta do dia 26 de fevereiro, Wesley explicou a ele como funcionava a escola que iniciara na Geórgia:

Um jovem cavalheiro [Delamotte] que veio comigo ensina entre trinta e quarenta crianças a ler, escrever e fazer contas. Antes da escola, pela manhã, e depois da escola, à tarde, ele catequiza a classe mais baixa, e esforça-se para fixar algo do que foi dito em seus entendimentos e também em suas memórias. À noite, ele instrui as crianças maiores. No sábado, à tarde, eu catequizei todas elas. O mesmo faço no domingo, antes do culto noturno (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 176).

Chegando ao final de sua temporada na Geórgia, em 2 de dezembro de 1737, além daquelas atividades educacionais com as crianças filhas de colonos, Wesley menciona uma escola que foi

construída para os índios em 1736, mas não dá detalhes, senão que os próprios indígenas doaram a terra a um dos homens que o acompanhavam na Geórgia, o Sr. Benjamin Ingham (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 200). Ward (1988, vol. 18, p. 200) menciona que essa escola fora construída por Wesley. É interessante lembrar que, Wesley foi para as colônias inglesas muito mais motivado em evangelizar os índios do que qualquer outra coisa. Embora não tenha tido o êxito que esperava, esse trabalho educacional aponta para algo de valor. Inclusive, demonstra que, para Wesley, educação faz parte do trabalho missionário.

A preocupação de John Wesley com a promoção da educação foi notável, desejando que as pessoas tivessem acesso ao ensino. É possível, nesse sentido, que ele tenha tido alguma influência do pai da didática, o morávio Iohannes Amos Comenius (1592-1670), que era um árduo defensor da ideia da pansofia, isto é, ensinar “*omnes omnia omnino*” (tudo, a todos, totalmente).¹⁵ É difícil saber se Wesley teve contato direto com alguma das obras mais importantes de Comenius,¹⁶ mas ele certamente o conhecia e estava ciente de sua relevância.¹⁷

¹⁵ Sua fala pode ser entendida em COMENIUS, 2014. Para mais informações sobre a ideia de Comenius, ver COUTO, 2022.

¹⁶ E.g. *Schola Ludus* (A escola da infância), publicada em 1632; *Didactica magna* (A Grande Didática), escrita entre 1633–1638 e *De rerum humanarum emendatione consultatio catholica* (Consulta geral sobre uma melhoria de todas as coisas humanas), publicada em 1666.

¹⁷ Pouco tempo depois de sua experiência do coração aquecido, que aconteceu em 24 de maio de 1738, numa comunidade morávia na Inglaterra, Wesley foi para a Alemanha. Ele relata em seu Diário que esse já era o seu desejo desde que estava prestes a retornar das colônias. Ele mesmo relatou em 7 de junho que “Minha mente fraca não poderia suportar sua própria divisão interna, e eu esperava que minha conversa com aqueles homens santos que eram testemunho vivo do pleno poder da fé, e ainda assim podiam suportar os fracos, fosse usada por Deus para fortalecer minha alma em tal situação, de maneira que pudesse ir de fé em fé e de poder em poder”. Depois de passar pelos Países Baixos e algumas cidades da Alemanha, ele finalmente chegou a Jena em 24 de julho, dando destaque para a universidade local. Em Hernhut, ele chegou no dia 6 de agosto, detalhando a visita a uma igreja e conversas controversas sobre o catolicismo. No dia 10 de agosto, Wesley mostra alguns documentos, dentre os quais destacamos o trecho de uma carta escrita pela

Em 24 de fevereiro de 1736, Wesley leu a obra *Account of the Children in Herrnhut* (Relato das Crianças em Herrnhut),¹⁸ influenciada diretamente por obras de Comenius, como *Schola Ludus* (A escola da infância). Em 26 de fevereiro, ele leu *Account of the Bethren* (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 361), que pode ser a *Primitive Church Government, in the Practice of the Reformed in Bohemia: Or, an Account of the Ecclesiastick Order and Discipline among the Reformed, or the Unity of the Brethren in Bohemia* (Governo da Igreja Primitiva, na Prática dos Reformados na Boêmia: Ou, um Relato da Ordem Eclesiástica e Disciplina entre os Reformados ou, a Unidade dos Irmãos na Boêmia), que contava com notas de Comenius (HAMMOND, 2014, p. 82). De qualquer modo, ele chegou a visitar as comunidades morávias de Jena (24 de julho) e Herrnhut (10 de agosto) em 1738 e é possível que em tais ocasiões tenha visto o modelo comeniano na prática (TOWNS, 1970, p. 319).

Isso pode ser especulado pelo fato de que, em seu Diário, Wesley descreve como eram as classes de educação da igreja de Herrnhut. Ele menciona que havia cinco classes divididas por faixa etária: crianças pequenas, crianças intermediárias, crianças mais velhas, jovens e adultos casados. As classes eram homogêneas, somente para homens e mulheres. Havia cerca de 90 grupos que se reuniam duas ou três vezes por semana para estudar e praticar a espiritualidade pietista. Ele destaca que as principais disciplinas eram leitura, escrita, aritmética, latim, grego, hebraico, francês, inglês, história e geografia. A agenda das aulas era assim: “[...] todos os dias há palestras em latim, francês e inglês, além de história e geografia. Os hebraicos são às segundas, quartas, sextas e sábados, e os gregos são às terças e quintas” (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 292; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 87).

Igreja de Herrnhut ao presidente da Alta Lusácia no qual menciona-se Comenius (In: WESLEY, 1988, vol. 18, p. 263-282. O trecho sobre Comenius está na página 278. Ver, ainda, a tradução para o espanhol: WESLEY, 1998, vol. 11, p. 67-92. A parte sobre Comenius está na página 81).

¹⁸ Esse relato é encontrado nos diários manuscritos privados de Wesley de quando estava na Geórgia. Esse diário pode ser lido em WESLEY, 1988, vol. 18 p. 312–571. O relato está na página 360.

Ele também descreve as escolas infantis: as crianças levantavam entre 5 e 6 horas da manhã, tinham um momento de oração privada e faziam trabalhos de arrumação; logo em seguida, iam para a escola, de 8 a meio dia, quando teriam algum momento de recreação até a uma da tarde. Ao regressarem do intervalo, estudavam novamente até às cinco da tarde. A base educacional principal era escrita, aritmética e história. Quem mostrasse qualificação, já aprendia latim aos 9 anos de idade e francês aos 10. Às 6 da tarde, as crianças jantavam e às 8 da noite, as crianças mais novas iam para a cama. As mais velhas (ele não diz a idade) iam participar do culto e iam para a cama às 10 da noite (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 293; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 87).

Wesley retornou em Jena em 20 de agosto de 1738. No dia 21, ele relata um pouco sobre a educação morávia naquela cidade. De acordo com ele, a escola vinha funcionando com mais de 300 alunos em 3 escolas e pouco mais de 30 professores. Os alunos ficavam 5 horas por dia estudando a respeito da Bíblia e de documentos confessionais (e.g., catecismo menor de Lutero) e de várias disciplinas que sejam úteis para o conhecimento das crianças. A alfabetização começava aos seis anos, passando pelas letras, sílabas e, finalmente, as palavras (WESLEY, 1990, vol. 19, p. 9; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 96-97). Holmes explica a importância pedagógica dos morávios em Wesley:

Os morávios influenciaram numerosas áreas da ideologia religiosa de John Wesley; contudo, a influência singular dos Morávios que é pertinente para este ensaio é a distinção educacional entre instrução e edificação. Isto tornar-se-ia um dos princípios rudimentares do metodismo. Wesley iria emular a estrutura organizacional que observou em Herrnhut. Havia dois tipos distintos de sessões: uma era chamada de “corais”, exclusivamente para ensino; a outra era chamada de “bandas”, essas sessões eram estritamente para incentivo pessoal. Durante as sessões da “banda”, os membros do grupo eram encorajados a partilhar os seus pensamentos íntimos, confissões e avaliações pessoais da sua experiência espiritual. O pensamento contemporâneo, seguindo um precedente histórico, misturou ambas as funções; alternadamente, Wesley viu a vantagem de separar estas duas atividades espirituais – que os Morávios empregavam – criando metodologias específicas para cada função (HOLMES, 2016, p. 36-37).

Podemos comparar um pouco desses relatos com a perspectiva educacional de Comenius. Ele acreditava que “o homem deve ser formado desde os primeiros momentos [...] para que essa formação permaneça durante toda sua vida”, pois “os frutos colhidos na velhice, são determinados pelas sementes plantadas na juventude” (COMENIUS, 2011, p. 15). Essa preocupação com a educação desde a infância se dava porque “no homem, as raízes de todas as coisas e de todas as ações lançam-se na primeira infância. Tudo o que se faz a seguir é o efeito de um processo de desenvolvimento” (COMENIUS, 2014, p. 179). No entanto, é preciso levar em conta as especificidades das crianças, adequando a linguagem e necessidades. Ele explicou:

As crianças (*pueri*) são homens de tenra idade destinadas a suceder àqueles de que agora é constituído o mundo (o Estado, a Igreja e a Escola).

1. São homens? Logo, devem ser educadas para a plenitude humana.
2. São crianças? Logo, devem ser tratadas como crianças, isto é, segundo a capacidade de compreensão própria de sua idade.
3. São homens de amanhã? Logo, para que realmente o venham a ser, sejam instruídas naquelas coisas que poderão vir a ser úteis aos homens (COMENIUS, 2014, p. 189).

Couto dá mais detalhes da perspectiva comênica:

Pensando nessas peculiaridades etárias, Comenius propõe um nivelamento da educação e os divide em quatro níveis de seis anos, cada. O primeiro nível é o infantil, desenvolvido na *schola materna*, com responsabilidade principal dos pais, o “regraço materno”; o segundo é o da puerícia, desenvolvido na *schola vernacula*, com responsabilidade escolar, a “*ludus literarius*”; o terceiro nível é o da adolescência, desenvolvido na *schola latina*, ou “ginásio”¹⁹; e o último é o da juventude, compreendendo a fase universitária, ou “acadêmica” e de viagens. Segundo Comenius, “a escola materna deve estar em todas as casas; a vernácula, em todas as comunidades, burgos ou aldeias; o ginásio, em todas as cidades; a Academia em todos os reinos e nas províncias maiores”, reforçando sua ideia pansófica / democrática da educação (COUTO, 2022, p. 172).

¹⁹ É chamada de latina não porque os alunos irão se dedicar exclusivamente ao estudo desse idioma, mas “porque educa para a elegância expressiva e para a leitura pessoal dos textos” (PEREIRA, 2016, p. 108).

Para Comenius, o conteúdo educacional deveria ser feito com várias disciplinas concomitantes. Deveriam ser respeitados a gradualidade dos assuntos (a fim de que a profundidade e as dificuldades sejam pensadas do macro para o micro), não extrapolar a quantidade de conteúdo necessário (para que os alunos não se cansassem) e conforme a faixa etária: “Tudo o que será aprendido deve ser disposto segundo a idade, para que nunca se ensine nada que não possa ser compreendido” (COMENIUS, 2002, p. 148). Assim, ele pensava em quatro níveis escolares: escola materna (fase infantil), escola vernácula (puerícia), ginásio (adolescência) e academia (juventude / adultos) (COMENIUS, 2002, p. 321).

A possível influência de Comenius em John Wesley tem sido reconhecida pelos estudiosos de sua vida e pensamento.²⁰ De fato, há semelhanças do modelo comeniano na metodologia wesleyana de educação. No entanto, talvez uma das maiores preocupações de Wesley seja a ideia do conhecimento todo para todas as pessoas. Embora ele mesmo não use expressões assim, percebemos seu desejo de propagar a educação e por meio dela, formar cristãos e cidadãos melhores, que vivem para a glória de Deus e para serviço do próximo, pois como destacou Marriot (1942, p. 13), “para Wesley, a educação não era uma mera questão secundária, mas uma parte vital do trabalho de sua vida” e “os motivos principais do seu trabalho educativo eram religiosos e humanitários”.

A luta pela educação contínua: a escola infantil em Kingswood

As visitas a Jena e Hernhut em 1738 e a carta para e de sua mãe em 1732 podem ter relações práticas. Em 3 de outubro de 1739, em Oxford, Wesley visitou uma escola na cidade que tinha

²⁰ Cf. HEITZENRATER, 2003, p. 27; FELTON, 1997, p. 94; RYAN, 2018; MARRIOTT, 1942; BODY, 1938; TOWNS, 1970, p. 319. Zioli (2015, p. 75) disse: “De Comenius ele recebeu a concepção religiosa de educação, a ideia de um ensino voltado ao aperfeiçoamento da alma e à aquisição das virtudes cristãs. Para Wesley, assim como para Comenius, não havia uma separação entre os ensinamentos cristãos e o aprendizado secular, ambos deveriam ter como propósito fazer uma aproximação de Deus e fazer a vontade divina”.

cerca de 20 crianças pobres, a qual funcionou por vários anos e lamentou que ela estava prestes a fechar. Ele dizia que alguma coisa precisava ser feita (WESLEY, 1990, vol. 19, p. 100-101; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 124.). Ele menciona, anos mais tarde, que outra motivação que ele teve para desejar fundar uma escola se deu em função da baixa qualidade educacional que outras instituições (embora renomadas) tinham e da fragilidade confessional de tais colégios (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 338-339). Todavia, pouco tempo depois da visita a Oxford, ele registra em 27 de novembro de 1739 que sonhava com uma escola em Kingswood, relatando que ela havia começado a ser construída em junho desse ano (WESLEY, 1990, vol. 19, p. 124-125). Quando a obra começou, ele não tinha $\frac{1}{4}$ do valor necessário para a construção. Aparentemente, a escola já estava construída em 1740, pois Wesley menciona uma pregação nela no dia 1 de junho desse ano e menciona, posteriormente, em 17 de abril, nunca ter pregado sobre predestinação nela desde que fora construída (WESLEY, 1990, vol. 19, p. 150). Numa carta a George Whitefield datada de 28 de abril 1741, Wesley relata:

[...] assumi a responsabilidade pela dívida, os credores aceitaram apoiar-me e foi então que tomei posse do imóvel em meu nome, ou seja, assim que foram lançados os alicerces. Imediatamente depois fiz um testamento nomeando meu irmão e você como meus sucessores. Agora, meu irmão, responderei sua pergunta principal. Acredito que você não pode reivindicar quaisquer direitos legais sobre aquele edifício antes da minha morte. Todo advogado honesto lhe dirá a mesma coisa. Mas se você se arrepender de ter arrecadado dinheiro para isso, eu pagarei de volta o mais rápido que puder, embora eu atualmente deva £ 200 apenas devido às taxas escolares de Kingswood (WESLEY, 1982, vol. 26, p. 59).²¹

²¹ Ver, ainda, na tradução para o espanhol: WESLEY, 1998, vol. 13, p. 149. O desentendimento deles se deu em virtude de uma pregação de Wesley sobre a expiação ilimitada. Whitefield o acusou de socinianismo, mas Wesley mostrou que ele estava equivocado. A controvérsias envolve opiniões sobre sistemas calvinista e arminiano. Mais detalhes sobre essa teologia em Wesley, ver COUTO, 2023a.

A escola foi inaugurada no dia 24 de junho de 1748 e Wesley pregou sobre Provérbios 22:6 na ocasião (WESLEY, 1990, vol. 20, p. 229). O trabalho começou com 6 professores. Em 1751 ele relata que quase três meses depois, contava com 28 alunos, 1 governanta, 1 criado e 4 empregadas domésticas, totalizando 40 pessoas na estrutura escolar. Wesley elaborou materiais didáticos: uma gramática de inglês, uma de latim, uma de grego, uma de hebraico e uma de francês e o material intitulado *Praelectiones Pueriles* (Lições para Crianças), bem como muitos outros livros para uso escolar (WESLEY, 1990, vol. 20, p. 392-394; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 287-288).

O objetivo da escola era, “com a ajuda de Deus, treinar as crianças em todos os ramos do aprendizado útil”, bem como “é nosso desejo particular que todos os que são educados aqui possam ser educados no temor de Deus” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 332, 333).²² O lema da instituição era: *in usum reipublicae et ecclesiae* (para o uso da república e da igreja) (MARQUARDT, 1992, p. 162). O currículo era composto de “leitura, escrita, aritmética, inglês, francês, latim, grego, hebraico, história, geografia, cronologia, retórica, lógica, ética, geometria, álgebra, física, música” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 332).

As regras eram rígidas e os pais que não concordassem com elas, não deveriam matricular seus filhos. As crianças levantavam às

²² Wesley também tinha uma preocupação com a manutenção da religião, pois em escolas que não se prezava pela confessionalidade, o risco de a criança abandonar a fé da família era grande. Por isso, ele diz que essas escolas “não os ajudariam no aprendizado nem na religião. Eu digo: ‘nem aprendizagem nem religião’. Pois se nós mesmos temos alguma religião, certamente desejamos que nossos filhos também a tenham” (in: WESLEY, 1831, vol. 7, p. 337). É importante ressaltar que, Wesley vivia numa “época em que a educação era geralmente sombria e confinada principalmente às elites”, tendo sido um dos poucos “a mostrar interesse real em educar crianças de todas as classes” (HOLMES, 2016, p. 32). Baker complementa dizendo que “seu cuidado sensível é ilustrado pela história de suas reuniões de liderança descalços, a fim de aliviar o constrangimento das crianças que eram pobres demais para ter sapatos” (BAKER, 1976, 202).

4h (seja no inverno ou no verão), meditando, orando e lendo, até às 5h; às 6h, tomam café; as aulas começavam às 7h e tinham a primeira parte de estudos até às 11h; até meio dia, as crianças caminhavam ou faziam alguma atividade relacionada a trabalhos leves; meio dia é o almoço; o segundo turno começava às 13h e ia até às 17h; até às 18h, elas faziam um período de oração privada; até às 19h, uma caminhada ou algum serviço, terminando com o jantar; até às 20h participavam de um culto para, finalmente, irem dormir. Essa rotina era de segunda a sábado.

Não havia muito espaço para brincadeiras. Wesley chegou a declarar o que considerava “um sábio provérbio alemão: ‘Aquele que brinca quando é menino, brincará quando for homem’” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 339). Um olhar a partir da pedagogia mais recente certamente nos levará a pensar que era muito radical. Marriott explica que “é preciso lembrar que, no século VIII, brincar era em grande parte sinônimo de brincadeira com cavalos, de esportes bárbaros como a luta contra ursos e, na vida escolar, de formas cruéis de bullying. Muitos dos nossos esportes atuais eram então desconhecidos” (MARRIOTT, 1942, p. 15). Os encontros eram divididos em 8 classes, com programações para os turnos da manhã e tarde, que os alunos faziam rodízio programado.²³ A tabela a seguir mostra as classes e seus respectivos conteúdos:

²³ É importante ressaltar que as divisões das classes que Wesley aponta não são nada fáceis de entender. Ele reconhece isso posteriormente, dizendo: “Há muito que considero certo que seria suficiente publicar as regras básicas dessa escola e estabelecer simplesmente o método nela seguido, no menor número de palavras possível. Supus que as razões pelas quais essas regras foram fundamentadas não eram apenas tão fortes, mas tão óbvias, que cada pessoa de entendimento comum deveria discerni-las tão bem quanto eu. No entanto, após mais de vinte anos de experiência, estou convencido de que esta era uma suposição que não deveria ser feita. O que é tão claro para mim como o sol ao meio-dia, não é tão claro para todos” (in: WESLEY, 1831, vol. 7, p. 336).

Tabela 1: lista de classes da escola em Kingswood

Classe	Atividade
1	Ler <i>Instructions for Children</i> e <i>Lessons for Children</i> e escrever
2	Ler <i>The Manners of the Ancient Christians</i> ; estudar <i>Short English Grammar</i> e <i>Short Latin Grammar</i> ; traduzir <i>Prælectiones Pueriles</i> para o inglês e traduzir <i>Instructions for Children</i> para o latim
3	Ler <i>Primitive Christianity</i> e escrever; estudar <i>English</i> e <i>Latin Grammar</i> ; ler <i>Corderii Colloquia Selecta</i> e <i>Historia Selecta</i> e traduzir a última para o inglês; traduzir <i>Lessons for Children</i> para o latim.
4	Ler <i>The Pilgrim's Progress</i> e escrever; estudar aritmética; Ler <i>Imitando Christo</i> (de Kempis) e alguma obra de Cornelius Nepos; traduzir a primeira para o inglês e <i>Manners of the Ancient Christians</i> para o latim; transcrever e repetir trechos de <i>Moral and Sacred Poems</i>
5	Ler <i>The Life of Mr. Haliburton</i> , <i>Select Dialogues</i> (de Erasmo), <i>Phædrus</i> , e <i>Sallust</i> ; traduzir Erasmo para o inglês e <i>Primitive Christianity</i> para o latim; estudar aritmética; transcrever e repetir trechos de <i>Moral and Sacred Poems</i>
6	Ler <i>The Life of Mr. De Renty</i> , <i>Roman Antiquities</i> (de Kennet), <i>Cæsar</i> e trechos de Terence e Velleius Paterculus; aprender Geografia; traduzir Erasmo para o inglês e <i>The Life of Mr. Haliburton</i> para o latim; transcrever e repetir trechos de <i>Moral and Sacred Poems</i>
7	Ler <i>Christian Perfection</i> (de William Law), <i>Greek Antiquities</i> (do arcebispo Potter), <i>Introductio ad Chronologiam</i> (de Bengelius), <i>Tully's Offices</i> (de Marcus Tullius), <i>Æneid</i> (de Virgílio); traduzir <i>Introductio ad Chronologiam</i> para o inglês e <i>Christian Perfection</i> para latim; aprender a fazer versos; estudar <i>Short Greek Grammar</i> ; ler as epístolas de São João; transcrever e repetir partes selecionadas de alguma obra de Milton
8	Ler <i>A serious call to a devout and holy life</i> (de William Law), <i>Hebrew Antiquities</i> (de Lewis), <i>Tully's Tusculan Questions</i> (de Marcus Tullius), bem como trechos de Ovídio, Virgílio, Horácio, Juvenal, Persio e Martiale; aprender a retórica (de Vossius) e a criar temas e a declamar; estudar <i>Greek Grammar</i> ; ler os Evangelhos e seis livros da <i>Ilíada</i> de Homero; traduzir Tully para o inglês e Mr. Law para o latim; estudar <i>Short Hebrew Grammar</i> e ler Gênesis; transcrever e repetir trechos de Virgílio, Horácio e Juvenal

Fonte: elaboração própria²⁴

²⁴ Veja as descrições em WESLEY, 1831, vol. 7, p. 332-333, 334-335.

Todas as literaturas eram escolhidas com base na escrita técnica, sendo fiel em questões ortogramaticais, estilo e linguística, bem como em relevância de conteúdo. Havia muitas obras antigas (clássicas) que eram mal produzidas, e com argumentação lógica de baixa qualidade. Além disso, ele eliminava leituras que tivessem profanação (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 340). Numa perspectiva bastante comeniana, ele declarava sobre as literaturas que, “a mais difícil nunca é aprendida antes da mais fácil: começamos com a mais simples de todas; em seguida lemos as que são um pouco mais difíceis; e gradualmente subimos para aquelas que são mais difíceis de todas” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 340-341).

Embora o sonho estivesse concretizado, Wesley relatou diversos problemas de ordem administrativa e docente, com funcionários que não levavam as regras a sério e isso comprometia a educação de qualidade. Por vezes, ele reduziu o quadro de funcionários e alunos.²⁵ Em setembro de 1750, depois de lidar com problemas entre os funcionários e alunos, a escola ficou com 2 professores e 16 alunos, tendo caído alguns meses depois para 11. Wesley não estava disposto a desistir desse projeto. Ele disse: “Acredito que todos na casa finalmente têm um único ideal e confiam que Deus os abençoará mais no final do que no início”.²⁶ Mais adiante, em 24 de agosto de 1753, o clérigo anglicano declarou sua resiliência:

Esforcei-me mais uma vez para colocar a escola de Kingswood em ordem. Certamente a importância deste projeto é evidente, mesmo pelas dificuldades que o acompanham. Gastei mais dinheiro, tempo e cuidado nisso do que em quase qualquer projeto que já tive, e ainda assim isso exerce toda a paciência que tenho. Mas vale a pena todo o trabalho (WESLEY, 1991, vol. 20, p. 472 – 24 de agosto de 1753; WESLEY, 1998, vol. 1, p. 310).

²⁵ Ver registros em WESLEY, 1991, vol. 20, p. 292 - 25 de julho de 1749; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 277; ver, ainda, Em 10 de março de 1750. Nessa ocasião, ele relata ter expulsado um rapaz que corrompeu os demais.

²⁶ Ele conta que houve fofocas e intrigas entre funcionários, professores que não estavam seguindo à risca os procedimentos e deixavam os alunos muito soltos e menciona discentes que deram muitos problemas de comportamento, ao ponto de precisar expulsar alguns; WESLEY, 1991, vol. 20, p. 392-394 – 22 de junho de 1751; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 287-288.

Além dos desafios mencionados, a escola pegou fogo em 1757. Os estragos poderiam ter sido muito maiores, mas Wesley atribuiu o fenômeno a um milagre da providência divina (WESLEY, 1992, vol. 21, p. 129-130 – 25 de novembro de 1757; WESLEY, 1998, vol. 12, p. 53-54). O prédio foi rapidamente reformado. Muitos foram os desafios. Contudo, o clérigo anglicano não desanimou e destacou no começo do ano seguinte: “Cavalguei até Kingswood e regozizei-me com a escola, que é, em última análise, o que há tanto tempo desejei que fosse: uma bênção para todos os que nela vivem e uma honra para todo o corpo de metodistas” (WESLEY, 1992, vol. 21, p. 134 – 4 de janeiro de 1758). No entanto, Wesley sempre precisou lidar com adversários. Um deles foi o Dr. Rutherford, que fazia a falsa acusação de que “é princípio fundamental na escola metodista que todos os que entram para ela devem renunciar a sua razão” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 499). O clérigo anglicano responde questionando veementemente, numa carta escrita em 28 de março de 1768:

Está o senhor acordado? A menos que o senhor esteja conversando dormindo, como pode o senhor dizer uma inverdade tão grosseira? Nós temos o princípio fundamental de que o renunciar à razão é renunciar à religião, que a religião e a razão caminham de mãos dadas, e que toda a religião sem razão é falsa (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 499).

Em 27 de abril de 1768, um professor de Kingswood, James Hindmarsh, enviou uma carta a Wesley relatando que crianças entre 8 e 14 anos de idade estavam experimentando um avivamento pessoal na escola. Elas estavam convictas de que não poderiam viver sem o amor de Cristo, querendo viver santamente. O professor encerrou a carta dizendo palavras encorajadoras a Wesley: “Este é o dia que ansiamos ver; o dia que você imaginou e pelo qual você sofreu tanta oposição por causa dessas pobres crianças” (WESLEY, 1989, vol. 9, p. 489; WESLEY, 1996, vol. 5, p. 354 [§ 111]). Todavia, em 1783, Wesley novamente se queixa dos padrões da escola, mencionando que há muitos alunos e funcionários impiedosos (WESLEY, 1772, vol. 13, p. 344-345).

A educação para Wesley não era um fim em si mesmo. Ele entendia que era um meio para levar as pessoas a uma vida reta e

que glorifica a Deus. Pouco antes da inauguração da escola em Kingswood, ele escreveu uma carta à Sra. Mary Jones, em 12 de fevereiro de 1748, dizendo: “Penso que quando regressar da Irlanda, se não antes, abriremos a escola em Kingswood. Se seu filho vier [estudar nela], você provavelmente receberá reclamações, pois a disciplina será rigorosa, pois nosso propósito não é tanto ensinar grego e latim, mas treinar soldados para Jesus Cristo” (WESLEY, 1998, vol. 13, p. 199).

Noutra carta (ao professor John Liden, em 16 de novembro de 1769), ele menciona que era possível encontrar muitas escolas que ensinavam a ler e a fazer contas, mas que Kingswood tinha o diferencial de ensinar temas superiores da aprendizagem (WESLEY, 1998, vol. 14, p. 78). Wesley (1831, vol. 7, p. 336) declarou que “quem fizer este curso com cuidado será um estudioso melhor do que nove em cada dez graduados em Oxford ou Cambridge”. Ele critica muitas escolas que não dão base satisfatória para aritmética, línguas, escrita e história, que não adotam literaturas importantes e desafiadoras, mas mantêm uma bibliografia fraca e sem relevância educacional, apesar de as instituições serem renomadas (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 337-338).

John Wesley e a educação infantil nos lares

Nem todas as crianças teriam acesso à escola devido aos custos. Assim, Wesley também pensa tanto na população mais pobre quanto nos metodistas, estabelecendo obras e sermões que poderiam ajudar nesse processo pedagógico em casa, afinal, a educação, para Wesley, jamais foi entendida como um instrumento apenas para a “preparação secular de alguém, ou visando a conquista de uma profissão, para usufruir bens materiais e crescer na escala social da vida. A educação era um instrumento divino para o humano, do cristão. Estudar é libertar-se da ignorância e do erro” (OLIVEIRA, 2003, p. 87).

Os principais materiais direcionados à educação infantil, portanto, foram: *Instructions for Children* (Instruções para as crianças – 1745), *Lessons for children* (Lições para as crianças – 1746—1756), *Prayers for children* (Orações para crianças – 1733) e *Hymns for children*

(Hinos para crianças – 1740—1970). Além disso, destacamos os sermões #94, *On Family Religion* (Sobre a religião da família – 26 de maio de 1783); #95, *On education of children* (Sobre a educação dos filhos e filhas – 12 de julho de 1783); e #96, *On obedience to parents* (Sobre a obediência aos pais e mães – setembro—outubro de 1784). Finalmente, incluímos o pequeno tratado *A Thought on the Manner of Educating Children* (Um Pensamento sobre a Maneira de Educar as Crianças – julho de 1783).

Instructions for children é uma pequena obra dividida em 6 seções temáticas. Cada seção possui um número específico de lições. A primeira seção discute, em 7 lições, acerca de Deus, da criação e da queda do ser humano e sua redenção, dos meios de graça, do céu e do inferno; a segunda seção tem 6 lições e aborda a respeito de Deus e alma do ser humano, além de explicar sobre a função didática do catecismo; a terceira seção está organizada em 11 lições que abordam a regulação dos nossos desejos, enfatizando o autocontrole e a importância de orar a Deus para que sua vontade seja cumprida; a quarta seção está disposta em 8 lições que versam sobre a regulação do entendimento, criticando em muitas vezes o ateísmo, e desenvolvendo orientações embasadas no credo apostólico; a quinta seção dispõe, em 9 lições, a respeito de regular a alegria, mostrando que a verdadeira alegria está em Deus e não nas coisas prazerosas deste mundo; finalmente, a sexta seção, aborda a regulação das práticas diárias em 12 lições, explorando os Dez Mandamentos e os três mandamentos de Jesus.

Beatrice Lee (1920, p. 80) explica que as *Instructions for children* “deveriam ser usadas principalmente no lar” e que Wesley “ordenou especialmente aos pregadores que cuidassem para que cada Sociedade Metodista estivesse bem abastecida com ele e que cada casa possuísse um exemplar”, pois “acreditava que era um dos melhores folhetos para crianças”.²⁷ Quando o material deveria ser

²⁷ Nas minutas de 1767, ele orientou aos pregadores que nas sociedades que tivessem pelo menos 10 crianças, que eles se reunissem, no mínimo, uma hora com elas, duas vezes por semana, e que usassem como material didático, as *Instructions for children* (WESLEY, 1862, vol. 1, p. 69. Minutas de 12 de agosto de 1766).

usado? De acordo com Wesley, “assim que [as crianças] puderem distinguir o bem do mal. [Afinal,] se o temor do Senhor é o começo da sabedoria, então é certamente a primeira coisa que eles deveriam aprender” (WESLEY, 2012, p. 7).

Instructions for children “serviria como o principal livro didático para a educação religiosa das crianças nos lares metodistas. Wesley exortou os seus pregadores a distribuí-lo, estudá-lo e ensiná-lo eles próprios, e encorajar o seu uso diligente pelos pais” (FELTON, 1997, p. 99). No entanto, Wesley não queria que o material fosse usado simplesmente como uma prática de memorização. Ele estava interessado num aprendizado crítico. Felton (1997, p. 92) afirma que, para Wesley, o “ensino deveria ser tanto um processo cognitivo de aprendizagem didática quanto um processo formativo de nutrição espiritual”. Nesse sentido, o clérigo anglicano antecipa a crítica freireana do que ficou conhecido como educação bancária,²⁸ visando promover o entendimento autônomo da criança. Wesley também vê a importância de um tutor dinâmico no processo de ensino e aprendizagem, algo que caminha, de algum modo, na direção do que as teorias desenvolvimentistas e cognitivistas vygotskianas diriam sobre Zona de Desenvolvimento Proximal²⁹ e Internalização.³⁰ Nas palavras de Wesley:

²⁸ Freire explicou: “Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 1974, p. 66).

²⁹ A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) diz respeito ao estado intermediário entre as habilidades cognitivas que uma criança já possui, outras que está desenvolvendo e as habilidades externas que podem aprender. Nesse sentido, o tutor é importante para servir como mediador desse conhecimento. Ele não está interessado num modelo estático de avaliação em que a criança responde perguntas e é corrigida apenas com as respostas certas, condicionando-as à memorização. Ao invés disso, o tutor participa de um processo dinâmico, em que a criança é estimulada a expandir o entendimento, com outras perguntas que auxiliam, indutivamente, a criança a ir chegando à resposta correta (cf. VYGOTSKY, 2007).

³⁰ A internalização para Lev Vygotsky envolve o processo cognitivo à luz do ambiente em que a criança está inserida, de modo que o desenvolvimento tem aspectos que vêm de fora para dentro. Assim, o fator social (em casa, na

Acima de tudo, que não leiam ou digam uma linha sem compreender e prestar atenção ao que dizem. Experimente-os repetidamente; interrompa-os brevemente, quase em todas as frases; e pergunte-lhes: “O que foi que você disse por último? Leia isso novamente; O que você quer dizer com isso?” De modo que, se for possível, eles não passem por nada, até que algo se apodere deles. Dessa forma, eles aprenderão a pensar da mesma forma que aprendem a ler (WESLEY, 2012, p. 7).

Em *Lessons for children* ele tem a mesma preocupação, chamando a educação memorizadora (bancária) de algo amaldiçoado. Ele entende que esse método era comum, de modo que as pessoas praticavam, em geral. No entanto, sua utilização massiva não quer dizer que seja apropriado:

Não posso deixar de zelar por vocês, para prestarem atenção em como vocês ensinam essas coisas profundas de Deus. Cuidado com esse modo comum, mas amaldiçoado de falar, que faz das crianças papagaios, em vez de cristãos. Trabalhe para que, na medida do possível, elas possam entender cada frase que leem. Portanto, não se apresse. Não considere quanto, mas quão bem, com que bom propósito, elas leem. Vire cada frase de todas as maneiras, proponha-a sob todos os aspectos e questione-as continuamente sobre cada ponto, a fim de que de alguma forma, elas possam não apenas ler, mas digerir interiormente as palavras da luz eterna (WESLEY, 2010, p. 3-4).

As *Lessons for children* configuravam aulas bíblicas com linguagem mais simples para as crianças. O material está organizado em quatro partes, com um total de 200 lições abordando os livros do Antigo Testamento (exceto Rute, Cantares, Lamentações e os profetas menores) e os deuterocanônicos (na perspectiva anglicana) de Sabedoria de Salomão e Eclesiástico. De acordo com Prince (1926, p. 126-127), “ele não fez um resumo semelhante do

escola (com professores e colegas), na rua, e em quaisquer ambientes, conta muito no processo de ensino e aprendizagem, pois as crianças ouvem, veem e observam o que as pessoas dizem e fazem, internalizando essas informações e reproduzindo de alguma maneira posteriormente (cf. VYGOTSKY, 2003).

Novo Testamento porque achava [conforme declaração em suas minutas de 1763]³¹ que todo ele deveria ser lido”.

Pensando na educação religiosa e seu contexto mais amplo, Wesley publicou dois materiais que corroboram com a educação infantil: um livro de orações e hinos musicais. em 1733, ele publicou *A collection of forms of prayer for every day in the week* (Uma coleção de formas de oração para todos os dias da semana), que vem acompanhado de mais duas partes: *Prayers for families* (Orações para as famílias) e *Prayers for children* (Orações para crianças). Todos os conjuntos de modelos de oração seguem para a semana inteira e encontram certo embasamento no *Livro de Oração Comum*. Uma vez que a educação wesleyana tinha preocupação que servia tanto à religião quanto à sociedade, as orações para crianças visam ensiná-las a nutrirem uma vida de devoção e piedade a Deus, bem como a intercederem pelos familiares e pelas pessoas da sociedade, em geral.

A mesma preocupação com um aprendizado consciente é encontrada em suas *Prayers for children* quando ele ensina às crianças: “[...] cuide para que vocês não apenas falem com os lábios, mas orem com o coração” (WESLEY, 1831, vol. 6, p. 417). As orações sempre têm o padrão de começarem com exaltação a Deus, seguirem com petições contra o pecado, o favor divino para andarem em conformidade com a santificação e obediência aos mandamentos, outras petições específicas, ações de graça e doxologia final. Lee (1920, p. 84) menciona que, para fins de didática espiritual e devocional, “algumas das orações foram preparadas para uso em tempos de tentação e luta contra o pecado e os elementos sociais³² [também] são fornecidos em orações”.

³¹ Lá, ele orienta seus pregadores a desenvolverem vida devocional (com oração privada e leitura bíblica todos os dias), bem como a orientarem as crianças com essas *praxis pietatis*, incentivando-as a “ler constantemente alguma parte [das Escrituras] todos os dias e nas horas vagas; a lerem regularmente todo o Novo Testamento (pelo menos) e as Lessons for Children” (in: WESLEY, 1862, vol. 1 p. 550. Large Minutes de 1763).

³² A oração de quarta de manhã, por exemplo, ensina a pedir a Deus para que eles pratiquem boas obras (WESLEY, 1831, vol. 6, p. 421); na oração pelos relacionamentos, é ensinado a pedir que Deus perdoe os nossos inimigos (WESLEY, 1831, vol. 6, p. 426).

Na década de 1740, Wesley também publicou uma série de hinos juntamente com seu irmão Charles, visando o público infantil. Felton (1997, p. 98. *Itálicos nossos*) explica que “Vários volumes, incluindo hinos e orações, foram publicados de 1741 a 1790 sob o título *Hymns for Children* [Hinos para Crianças]”.³³ Isso provavelmente tem influência do que viu nas escolas morávias (e quem sabe, em Comenius), em Hernhut, a partir de 10 de agosto de 1738. Em seu *Diário*, ele apontou um texto dos morávios: “Instruímos as nossas crianças pequenas principalmente através de hinos; onde encontramos as verdades mais importantes insinuadas com mais sucesso em suas mentes” (WESLEY, 1988, vol. 18, p. 296; WESLEY, 1998, vol. 11, p. 90). No wesleyanismo, a ideia era a mesma. Beckerlegge explica que, “por meio dos hinos, o povo metodista não apenas era levado às convicções religiosas, como também entendiam melhor suas bíblias”.³⁴ A seguir, um hino que provavelmente estava na edição de 1747:

³³ FELTON, 1997, p. 98. *Itálicos nossos*. Num material de estudos preparado pelo *Duke Center for Studies in the Wesleyan Tradition*, essa questão das várias edições é melhor explicada: “John Wesley publicou um pequeno volume de *Hymns for Children* (1747), incluindo nove hinos extraídos de HSP [Hymns and Sacred Poems] (1740), CPH [Collection of Psalms and Hymns] (1741) e HSP [Hymns and Sacred Poems] (1742). Charles Wesley compartilhou a preocupação de fornecer material de canto apropriado para os mais jovens e publicou uma coleção muito mais longa de Hinos para Crianças em 1763. Essa coleção teve bastante sucesso, passando por quatro edições em duas décadas. Em 1787, uma versão resumida de *Hymns for Children* (1763) foi publicada. Dado o declínio da saúde de Charles, o resumo e as mudanças editoriais dispersas foram certamente feitas por John Wesley, que adicionou um prefácio a uma reimpressão de 1790” (in: MADDOX, 2017, p. 1. Disponível em: https://divinity.duke.edu/sites/default/files/documents/34_Hymns_for_Children_%281787%29_mod.pdf).

³⁴ BECKERLEGGE, Oliver A. The Hymn-book in Methodist Worship and Devotion. In: WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 7 – A Collection for the use of the People called Methodists. [editors: Franz Hildebrandt, Oliver A. Beckerlegge, James Dale]. Nashville: Abingdon Press, 1983, p. 61-62.

Gentil Jesus, manso e humilde,
Olhe para uma criancinha,
Tenha piedade da minha simplicidade,
Deixe-me ir até Ti.

De bom grado eu gostaria de ser trazido a Ti,
Querido Deus, não me proíba;
Dá-me, querido Deus, um lugar no reino da Tua graça.

Põe as Tuas mãos sobre a minha cabeça,
Deixe-me em Teus braços ser firme,
Deixe-me apoiar-me em Teu peito,
Acalme-me, acalme-me, Senhor, para descansar.

Segure-me firmemente em Teu abraço,
Deixe-me ver Teu rosto sorridente,
Dê-me, Senhor, dê-me sua bênção,
Interceda por mim, e eu viverei.

Viverei uma vida simples,
Livre das inquietantes lutas do pecado,
Docemente ignorante do mal,
Inocente e feliz ainda.

Oh, que eu nunca saiba
O que as pessoas más fazem!
O pecado é contrário a ti,
O pecado é a árvore proibida.

Guarda-me da grande ofensa,
Guarda minha inocência desamparada,
Esconde-me de todo o mal,
Do Eu, da teimosia e do orgulho
(WESLEY, J.; WESLEY, C. 1742, p. 194-195).³⁵

³⁵ Este é o primeiro de um total de 7 hinos para crianças. Também pode ser lido em MADDOX, 2017, p. 19.

No que tange aos hinos, percebemos uma linguagem não infantilizada, mas que incentiva a inocência da fase pueril. McE-lwain comenta sobre essa questão mencionando o hino LXIV, que aparece na edição dos *Hymns for Children* de 1763,³⁶ dizendo: “numa época de curta expectativa de vida, os Wesley compreenderam que a instrução espiritual precoce era de importância eterna. Nas palavras de um hino desta coleção, ‘não há espaço para alegria ou brincadeira aqui’” (MCELWAIN, 2015, p. 3).³⁷ E há uma razão para isso. Trata-se de uma opção metodológica para falar das doutrinas cristãs com as crianças por meio da musicalidade, sendo simples, mas sem ser simplista. John Wesley explicou no prefácio da edição de 1790 que:

Existem duas maneiras de escrever ou de falar com as crianças: uma é deixar-nos descer até elas, a outra é elevá-las até nós. O Dr. Watts escreveu sobre o primeiro caminho e conseguiu falar admiravelmente bem com as crianças como crianças e deixá-las como as encontrou. Os hinos a seguir foram escritos no outro plano. Eles contêm um sentido forte e viril, mas expressos em uma linguagem tão simples e fácil que até as crianças podem entender. Mas quando os compreenderem, não serão mais crianças, apenas em idade e estatura (WESLEY, 1790, p. iii).

Os próximos materiais produzidos por Wesley que envolvem a questão da educação infantil se dão todas na década de 1780. Entre 1783 e 1784, ele prega 3 sermões sobre esse assunto. O primeiro deles é o #94, *On Family Religion* (Sobre a religião da família). Aqui, Wesley prega com base em Josué 24:15 demonstra alguns conselhos

³⁶ Cf. WESLEY, 1763.

³⁷ O verso citado é o primeiro da terceira estrofe da canção. A seguir, o contexto do verso nas três primeiras estrofes: “[Estrofe 1] E eu só nasci para morrer? / E devo subitamente cumprir / O severo decreto da natureza? / O que resta para mim depois da morte? / Alegrias celestiais, ou dores infernais, / Por toda a eternidade. [Estrofe 2] Como então devo viver na terra, / Enquanto Deus prolonga o bom indulto, / E sustenta a casa de barro; / Minha única preocupação, meu único cuidado, / Vigiar, tremer e preparar-me / Contra o dia fatal! [Estrofe 3] Não há espaço para alegria ou brincadeira aqui, / Para esperança mundana, ou medo mundano, / Se a vida tão cedo se foi; / Se agora o juiz está à porta, / E toda a humanidade deve estar diante / Do trono inexorável!”

práticos para que a família sirva ao Senhor. Ele está ciente de que coagir as pessoas não é o melhor caminho. No entanto, quanto aos filhos, reconhece que é preciso fazê-lo “através de conselho, persuasão, ou reprovação, mas também, através de correção” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 339 [III, §3]). A instrução frequente e pacientemente é essencial. E deve começar a ser praticada desde que se “percebe que a razão [da criança] começa a despertar” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 340 [III, §6]). A linguagem conforme faixa etária também precisa ser levada em conta: “use tais palavras que às crianças pequenas possam entender, justamente aquelas que elas próprias usam” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 340 [III, §7]). Ele ainda incentiva os pais para o objetivo ulterior da educação, que não é levar a criança a ter a profissão que mais dê lucro e sim a ter uma vida de santidade (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 344-346 [III, §§16—18]).

O próximo sermão é o #95, *On education of children* (Sobre a educação dos filhos e filhas). Nele, Wesley usa como texto base Provérbios 22:6, e parte do pressuposto do problema do pecado original na raça humana, que leva todas as pessoas à corruptibilidade e à inclinação ao mal.³⁸ No entanto, ele assevera que assim como “a única finalidade de um médico é restaurar a natureza ao seu estado próprio, a única finalidade da educação é restaurar nossa natureza racional ao seu estado apropriado” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 348 [§3]). Isso lembra muito John Locke: “entre os filhos de Adão, há poucos, de facto, suficientemente favorecidos para não terem nascido com alguma tendência que predomine no seu temperamento, e é obra da educação destruí-la ou equilibrá-la” (LOCKE, 2019, p. 172).³⁹ No entanto, a educação cristã não é apenas mora-

³⁸ Ele exemplifica alguns desses males no sermão, a saber: ateísmo, auto adoração, orgulho, amor ao mundo (corrompido pelo pecado), ira, mentira, injustiça (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 350-352 [§§5—12]).

³⁹ Wesley leu e criticou Locke diversas vezes. Em suas *Remarks upon Mr. Locke's 'Essay on human understanding'* (Observações sobre o ‘Ensaio sobre o entendimento humano’), publicada em 1781, ele disse: “A partir de uma análise cuidadosa de todo este trabalho, eu concluo que, em conjunto com vários erros, (mas nenhum deles de grande importância), o mesmo contém muitas excelentes verdades, propostas de maneira clara e forte, por um grande mestre tanto do raciocínio como da linguagem. Pode, portanto, ser de uso

lidade. Antes, pretende “ensinar a elas [as crianças] como pensarem, julgarem, e agirem de acordo com as regras mais rigorosas do cristianismo” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 349 [§3]). Elas não devem simplesmente obedecer, mas entender o porquê; devem ser críticas e analíticas com a realidade e ensinados ao redor, procurando viver de acordo com os princípios de Jesus. Contudo, Wesley lembra que essa condição para vencer o pecado original não é inata ao ser humano, mas obra da graça de Deus (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 349 [§4]).⁴⁰ É responsabilidade inicial dos pais conter os seus filhos e filhas, educando-os para uma vida santa, justa, na contramão da pecaminosidade inata.⁴¹

Finalmente, ele pregou e publicou o sermão #96, *On obedience to parents* (Sobre a obediência aos pais e mães), no qual discursou a partir de Colossenses 3:20. Nesta homília, Wesley vai na direção

admirável para os jovens estudantes, se lido com um tutor criterioso, o qual poderia confirmar e ampliar o que é certo, e protegê-los contra o que está errado no mesmo. Eles poderiam, então, fazer o seu pleno uso de todas as justas observações feitas por este excelente escritor, e ainda sem esse apego exagerado a ele, que é tão comum entre os seus leitores” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 451). De acordo com Zioli (2015, p. 77), “a proposta pedagógica de Wesley constituiu na releitura e aplicação das teorias de Locke, Milton e Comenius”. Wesley sofreu influências diversas de Locke, inclusive quanto ao método que Outler chamou de “Quadrilátero Wesleyano” (ver sobre isso em COUTO, 2019). Para outras influências lockeanas em Wesley, ver MEALEY, 2003. Para influências educacionais de Locke em Wesley, ver TOWNS, 1970 e RYAN, 2018. Veja o sermão #70 *The Case of Reason Impartially Considered* (O caso da razão imparcialmente considerado), que Wesley discute a relação entre razão e experiência com influência lockeana.

⁴⁰ Com isso, ele está querendo sair dos erros teológicos de Pelágio, que ensinava bondade naturalmente excessiva no ser humano, pois negava o pecado original, alegando que toda a raça humana é neutra espiritualmente, sem heranças adâmicas do pecado. Para mais informações, veja COUTO, 2021.

⁴¹ Wesley dá vários exemplos sobre isso e chama a atenção para que os pais não incentivem comportamentos pecaminosos na infância da criança, como deixar ela fazer o que quer, ganhar as coisas na pirraça, dar tudo o que ela quer, elogiar tudo o que faz, ser conivente com seus erros etc. Wesley aponta que a educação dos filhos e filhas, na perspectiva do pecado original, é “coibir a vontade de seu filho, e trazê-la, em sujeição, à sua, para que ela possa estar, mais tarde, sujeita à vontade de Deus” (§16).

da revelação geral no coração das pessoas e afirma que honrar pai e mãe certamente é um desses princípios que estão na alma humana (embora afetado pelo pecado original) (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 361-362 [Introdução, §1]). Aqui, ele chama a atenção para filhos seguirem as diretivas dos pais, sejam elas negativas ou positivas. Mas, como no sermão anterior, Wesley está ciente do pecado original e sabe que as crianças têm a tendência de desobedecerem aos pais. Mesmo assim, ele mais uma vez chama os pais à responsabilidade, pois “sujeitar a vontade [da criança] é algo que deve ser feito imediatamente; e quanto mais cedo melhor. Pois, ao negligenciarmos a correção oportuna, eles contraem uma teimosia que dificilmente será conquistada” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 367 [I, §10]; ver, ainda, p. 368-369 [II, §1]). Thomas Oden (2021, vol. 3, p. 175) explicou a responsabilidade dos pais presente nos três sermões, dizendo: “a saúde futura da sociedade depende de uma boa educação dos pais”.

Também fazem parte desse conjunto de materiais ligados à educação infantil o pequeno tratado *A Thought on the Manner of Educating Children* (Um Pensamento sobre a Maneira de Educar as Crianças – julho de 1783). Aqui, ele relata a conversa com um homem que questionava os métodos usuais da educação religiosa, que geralmente agia com rigidez e disciplina. Wesley detecta que os apontamentos negativos do homem não identificado iam ao encontro das ideias de Rousseau em sua obra *Emilius and Sophia: or, a new system of education* (Emílio e Sofia: ou, um novo sistema de ensino), a qual tece críticas veementes (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 458).⁴² O clérigo anglicano menciona o mesmo ponto de vista que os sermões anteriores: “as Escrituras, a razão e a experiência testificam

⁴² Essa não foi a primeira vez que Wesley criticou Rousseau. Em seu Diário, em 3 de fevereiro de 1770, ele relata ter lido a obra do filósofo chamada *On Education* (Sobre a Educação). Ele tinha muitas expectativas com ela, mas disse ter ficado desapontado. Wesley tem a percepção de que Rousseau era presunçoso, pois “tudo o que ele fala, ele pronuncia como um oráculo” (WESLEY, 1998, vol. 12, p. 205). Ao tratar as crianças com mais pessimismo, alegando que elas não amam os mais velhos, Wesley retruca e mostra que esse é um argumento falso, pois empiricamente, vemos exatamente o contrário. Assim, ele conclui: “quanto ao seu livro, é excêntrico ao extremo, não baseado nem na razão nem na experiência” (WESLEY, 1998, vol. 12, p. 206).

conjuntamente que, visto que a corrupção da natureza é anterior às nossas instruções, devemos tomar todas as medidas e cuidados para neutralizar essa corrupção o mais cedo possível” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 459). E, mais uma vez, ele volta à sua ideia de que “a educação é projetada para corrigi-la” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 459). De modo prático, isso, “pela graça de Deus, significa transformar o preconceito da obstinação, do orgulho, da raiva, da vingança e do amor do mundo, em direção à resignação, à humildade, à mansidão e ao amor de Deus” (WESLEY, 1831, vol. 7, p. 459).

John Wesley e a educação de adultos: uma andragogia metodista

A acessibilidade à educação formal durante o século XVIII ainda não era uma realidade e sim o privilégio de famílias mais abastadas. Fora o poder aquisitivo, outras poucas famílias contavam com bolsas de estudo (como o próprio Wesley usufruiu) ou com trabalhos para conseguir estudar. Havia muita pobreza na Inglaterra oitocentista. Tem sido atribuída a Wesley a seguinte frase: “os metodistas poderão ser pobres, mas não há necessidade de que eles sejam ignorantes”.⁴³ Embora eu não tenha encontrado a frase em fonte primária e ela possa soar como hagiográfica, não é de todo descontextualizada da práxis wesleyana, afinal, Wesley “compreendeu o potencial da educação para funcionar como um instrumento de reforma social e procurou utilizá-lo em benefício das classes socioeconômicas desfavorecidas” (FELTON, 1997, p. 93).

Em seus dias, Wesley presenciou os efeitos da Revolução Industrial inglesa. Um forte êxodo rural acometeu a cidade de Londres e as regiões circunvizinhas. Não havia emprego para todo mundo. Diante disso, a alta demanda de potenciais trabalhadores desvalorizou a mão-de-obra, levando a condições sub-humanas de trabalho, em que mulheres e crianças ganhavam baixíssimo salário. Por outro lado, multidões de desempregados ficavam pelas ruas com suas grandes famílias (muitas vezes, com mais de dez filhos). Esse caos social aumentou, de imediato, a violência urbana, incen-

⁴³ A fonte mais antiga que encontrei foi JARRELL, 1927, p. 36.

tivando furtos e barbáries. Um escape para esses problemas sociais era encontrado no gim, bebida com alto teor alcoólico.⁴⁴

Os desempregados não tinham amparo da nação e tampouco da Igreja. No último caso, eles eram, diversas vezes excluídos das reuniões paroquiais, podendo assistir aos cultos no fundo do templo ou do lado de fora, já que os bancos eram alugados. Uma das ações de John Wesley para com esses problemas decorrentes do êxodo rural, foi de acolher os necessitados em pequenos grupos paraeclesiais que se reuniam em casas, as chamadas classes, bandas ou sociedades metodistas. Foi nesse ínterim que Wesley viu a oportunidade de apoiar essas pessoas não apenas espiritual e materialmente, mas intelectual e humanitariamente. Ele organizou “as classes mais pobres [...], ensinando-lhes respeito próprio, bem como leitura, escrita e aritmética” (TOWNS, 1970, p. 318).

Nesse sentido, Oliveira (2003, p. 74) expressa bem que, isso “é o que hoje chamamos ‘educação de adulto’, cujo resultado foi o incentivo intelectual de milhares de pessoas que se uniram ao movimento metodista”. Wesley, portanto, não se preocupou apenas com as crianças e metodologias pedagógicas infantis. Ele também acolheu grande número de pessoas adultas sem formação nos pequenos grupos do metodismo. O que fazer com essas pessoas? Ao invés de não lhes dar atenção, Wesley as preparou para o aprendizado e para o ministério. Algumas delas se tornaram pregadores itinerantes, outras líderes de classes, sociedades e bandas. Oliveira exemplifica a estratégia de Wesley nesse processo andragógico:

Podemos acompanhar com segurança o caminho de um pobre ignorante que fosse alcançado pela mensagem metodista. Ele começava com a leitura da Bíblia, se soubesse ler; caso contrário, tinha de aprender a ler, e a Bíblia era o seu livro-texto; depois vinham os sermões de Wesley, os hinos de Charles e, então, os tratados sobre os mais diversos assuntos; depois

⁴⁴ Lelièvre conta que os ingleses consumiam mais de 30 milhões de litros de gim por ano; com duas moedas, as pessoas poderiam beber até cair no chão e nas tavernas haviam promoções de que, com quatro moedas, elas poderiam usar a palha como colchão e travesseiro (LELIEVRE, Mateo. **João Wesley: Sua Vida e Obra**. São Paulo: Vida, 1997, p. 13).

mais, ele se confrontaria com a “Biblioteca Cristã”, organizada por Wesley, e que devia fazer parte de cada sociedade, contendo uma seleção de livros, visando a um aprimoramento intelectual sistematizado (OLIVEIRA, 2003, p. 86-87).

Além desses materiais que Wesley editou, montando uma biblioteca, ele também usava a pregação como fonte de instrução para os metodistas. Mas, como os sermões poderiam ser fontes que poderíamos ligar à educação? O sermonário de Wesley era muito importante como instrumento pedagógico do metodismo primitivo. Oden (2021, vol. 1, p. 38) explica que Wesley “ensinou sua conexão por meio de homilias publicadas” e ainda menciona que “a maneira como a doutrina cristã era ensinada pelos teólogos anglicanos do século XVIII era por meio de sermões de ensino publicados, não de tomos rococós sobre doutrinas específica”. Olivera (2003, p. 71) alega que, “é realmente difícil separar em Wesley a mensagem do ensino, a evangelização da educação. Elas se interpenetram e mutuamente se enriquecem”.

No prefácio aos sermões, Wesley disse:

Nada aqui aparece em uma vestimenta elaborada, elegante ou oratória. Se fosse meu desejo ou intenção escrever assim, meu lazer não permitiria. Mas, na verdade, no momento eu não projetei nada menos; pois agora escrevo, como geralmente falo, *ad populum* – para a maior parte da humanidade, para aqueles que não apreciam nem entendem a arte de falar; mas que, não obstante, são juízes competentes das verdades que são necessárias para a felicidade presente e futura. [...] Eu projeto a verdade pura para pessoas comuns: portanto, com um propósito definido, me abstenho de todas as especulações filosóficas e agradáveis; de todos os raciocínios perplexos e intrincados; e, na medida do possível, até mesmo da demonstração de conhecimento, a menos que às vezes cite a Escritura original. Esforço-me para evitar todas as palavras que não sejam fáceis de entender, todas as que não são usadas na vida comum; e, em particular, aqueles tipos de termos técnicos que ocorrem com tanta frequência nos Corpos da Divindade⁴⁵; aqueles modos de falar com os quais os leitores estão intimamente familiarizados, mas que para as pessoas comuns são uma língua desconhecida (WESLEY, 1984, vol. 1, p. 103-104).

⁴⁵ Ou seja, o meio acadêmico teológico.

Parece ser uma contradição Wesley dizer que evita usar palavras desconhecidas, que procura ter uma linguagem simples para o povo e, de repente, usa a expressão latina *ad populum*. No entanto, Outler explica que essa era uma expressão razoavelmente conhecida na época e que fazia parte de uma tipologia para discursos feita por Robert Sanderson, bispo de Lincoln, o qual falava de quatro categorias: (1) *ad aulam*, endereçado a uma audiência estudada; (2) *ad magistratum*, destinado a uma corte e a juízes; (3) *ad clerum*, direcionado aos ministros ordenados, i.e., o clero; e (4) *ad populum*, encamiñado ao povo simples (OUTLER, 1984, vol. 1, p. 25).

A primeira coleção de sermões de Wesley, publicada em 1746, foi batizada de *Sermons on several occasions* (Sermões para várias ocasiões).⁴⁶ O título servia como duplo sentido: por um lado, ele era irônico ao usar uma nomenclatura comum a dignitários pregadores de palácios e catedrais, já que *occasions* era utilizado para eventos formais; por outro, ele mostrava que suas homilias não eram pouco importantes, dando conotação de temas abrangentes.⁴⁷ Nesse sentido, Wesley conseguia educar tanto aos pregadores itinerantes (que corriam o risco de pluralismo religioso e de desvio doutrinário) quanto aos mais simples, que conheceriam não apenas sobre doutrinas cristãs, mas sobre temas práticos e sociais.

Em termos doutrinários, Wesley preferiu os sermões que estavam ligados à *via salutis* (caminho da salvação), como *A salvação pela fé* (1738), *Os quase cristãos* (1741), *A justificação pela fé* (1746), *Os meios de graça* (1746), *O pecado original* (1760) e outros; em aspectos práticos, destacamos a série de 13 homilias *Sobre o sermão do monte* (1748—1750) – que tratam de uma ética elevada, da responsabilidade social dos crentes e da santidade social – e *O uso do dinheiro* (1760) – que propõe que os *cristãos ganhassem o máximo que pudessem* com

⁴⁶ O primeiro volume foi publicado em 1746 contendo 12 homilias. Um segundo volume foi publicado em 1748, com a mesma quantidade, e um terceiro em 1750, também com o mesmo número de sermões, totalizando, agora, 36. Um quarto volume foi publicado em 1760, elevando o total para 43, e em 1762, um 44º sermão foi inserido na segunda edição do volume 3.

⁴⁷ Outler (1984, vol. 1, p. 40) comenta que o título “*on several occasions*” foi usado por pelo menos 20 clérigos entre 1676 e 1735.

honestidade, saúde e integridade; *economizassem o máximo que pudessem* deixando de comprar coisas desnecessárias, evitando o consumismo e a ostentação; e *doassem o máximo que pudessem*, a fim de ajudar as pessoas necessitadas.⁴⁸

Cindy Wesley comenta que “os sermões forneceram um padrão para a doutrina que os metodistas deveriam pregar, especialmente no que diz respeito à salvação” e “a publicação do primeiro volume de sermões encaixou-se no uso crescente de assistentes leigos não treinados no movimento metodista” (WESLEY, C. 2015, p. 137). Contudo, à medida que surgiam questões doutrinárias e outras orientações, “Wesley respondia, não com um credo ou uma confissão, ou mesmo um tratado de doutrina, mas com algo análogo a um conjunto de ‘Homilias’ Metodistas’, neste caso, não ‘designadas para serem lidas’ nas igrejas” (OUTLER, 1984, vol. 1, p. 40).⁴⁹

⁴⁸ A lista dos 44 sermões é: 1. A salvação pela fé; 2. Os quase cristãos; 3. Desperta, tu que dormes; 4. O cristianismo bíblico; 5. A justificação pela fé; 6. A justiça da fé; 7. O caminho do Reino; 8. Os primeiros frutos do Espírito; 9. O Espírito de escravidão e de adoção; 10. O testemunho do Espírito – Discurso I; 11. O testemunho do nosso próprio Espírito; 12. Os meios de graça; 13. A circuncisão do coração; 14. Os sinais do novo nascimento; 15. O grande privilégio dos que são nascidos de Deus; 16. Sobre o Sermão do Monte, Discurso I; 17. Sobre o Sermão do Monte, Discurso II; 18. Sobre o Sermão do Monte, Discurso III; 19. Sobre o Sermão do Monte, Discurso IV; 20. Sobre o Sermão do Monte, Discurso V; 21. Sobre o Sermão do Monte, Discurso VI; 22. Sobre o Sermão do Monte, Discurso VII; 23. Sobre o Sermão do Monte, Discurso VIII; 24. Sobre o Sermão do Monte, Discurso IX; 25. Sobre o Sermão do Monte, Discurso X; 26. Sobre o Sermão do Monte, Discurso XI; 27. Sobre o Sermão do Monte, Discurso XII; 28. Sobre o Sermão do Monte, Discurso XIII; 29. A origem, natureza, característicos e funções da lei; 30. A lei estabelecida pela fé, I; 31. A Lei estabelecida pela fé, II; 32. A natureza do entusiasmo; 33. Advertência contra o sectarismo; 34. O espírito católico; 35. A Perfeição Cristã; 36. Os pensamentos inconstantes; 37. As maquinações de Satanás; 38. O pecado original; 39. O novo nascimento; 40. A vida no deserto; 41. Afligidos através de várias tentações; 42. A negação de si mesmo; 43. A cura da maledicência; 44. O uso do dinheiro. Para uma lista completa do sermônário de Wesley, ver SOUZA, 2004.

⁴⁹ Ele está fazendo um trocadilho com o Book of Homilies (Livros das Homilias), que são trinta e três sermões que visam desenvolver detalhadamente as doutrinas oficiais da Igreja da Inglaterra, conforme indicado para uso no Artigo 35 dos Trinta e Nove Artigos da Religião. Essas homilias deveriam ser lidas nas igrejas.

Seus pregadores itinerantes e líderes de sociedade, classes e bandas precisavam estar bem preparados. Wesley era criterioso com isso. Em 6 de fevereiro de 1756, ele publicou *An address to the clergy* (Um discurso ao clero). Oden (2021, vol. 3, p. 57) explica que, “neste ensaio, ele apresentou uma doutrina cuidadosa da alta vocação para o ministério, juntamente com uma avaliação de que tipo de educação teológica é necessária para se preparar para isso.” Um ministro do evangelho não poderia ser alguém medíocre no que tange ao manejo do conhecimento. A educação forneceria o preparo básico necessário e Wesley chama a atenção dos clérigos e outros ministros acerca disso.

Além de conhecer bem as Escrituras, as técnicas exegéticas e hermenêuticas e os idiomas originais da Bíblia, o clérigo deveria se esmerar para conhecer outras disciplinas como história, cronologia, geografia, artes, ciências, lógica, metafísica, filosofia e o que ele chama de “conhecimento dos homens” (uma ideia que está caminhando para a psicologia, pois ele diz que isso proporcionará o entendimento das personalidades e temperamentos das pessoas). No que tange à teologia, ele coloca como imprescindível que o ministro estude a patrística (WESLEY, John. 1772, vol. 10, p. 128-132). Oden (2021, vol. 3, p. 66) explica que, uma vez que Deus é revelado na história, os ministros não poderão cumprir seus ofícios apropriadamente “sem uma compreensão firme da história universal, filosofia da história e estudos históricos distintos, incluindo uma compreensão de ‘costumes antigos, cronologia e geografia’, portanto, de cultura, tempo e espaço”.

Como a vasta maioria dos pregadores itinerantes não tiveram acesso à educação formal, Wesley organizou, em 1745, uma lista de vários livros de teologia, filosofia, história, astronomia, poesia etc. e dispôs para seus pregadores.⁵⁰ Nas minutas de 1766, ele reconhecia

⁵⁰ No sermão #87, *O perigo das riquezas*, publicado em 1781, Wesley declarou: “Quarenta anos atrás, tendo um desejo de suprir as pessoas pobres com livros mais baratos, mais curtos, e mais simples do que algum que eu tenho visto, eu escrevi muitos pequenos tratados, geralmente por uns centavos cada; e, mais tarde, diversos maiores. Alguns desses têm tal venda, como eu nunca pensei” (WESLEY, 1986, vol. 3, p. 238 (II, §6).

que muitos pregadores eram fracos na pregação e outros exercícios eclesíásticos e a razão para isso era porque estes eram ociosos e preguiçosos para o estudo. Eles não deveriam ler somente a Bíblia, isso seria entusiasmo, e sim imitar São Paulo, que pedia para que lhe fossem levados “os livros”. Alguns argumentavam que não tinham condições de comprar livros, então Wesley se comprometeu de doar livros no valor de 5 libras. Seu conselho é veemente: “leia os livros mais úteis, regular e constantemente. Passe constantemente toda a manhã nesta tarefa, ou pelo menos cinco horas por dia” (WESLEY, 1862, vol. 1, p. 68. Minutas de 12 de agosto de 1766). Quem não se esmerasse no estudo, poderia ser demitido da itinerância.

Um exemplo da seriedade que Wesley levava com relação ao preparo dos obreiros, pode ser visto na carta que ele enviou a John Trembath em 17 de agosto de 1760:

O que lhe tem sido extremamente prejudicial no passado, e, segundo receio, continua sendo até hoje, é sua falta de leitura. Raramente conheci um pregador que lesse tão pouco. E é possível que, em consequência dessa negligência, você tenha perdido o gosto pela leitura. Daí, seu talento na pregação não cresce; permanece tal como era há sete anos. É vivo, mas não é profundo; tem pouca variedade e nenhuma extensão de pensamento. Somente a leitura pode suprir essa falta, com a meditação e oração diária. O livro é um professor paciente. Ele está sempre disponível para ensiná-lo na hora em que você desejar. Um livro pode ensinar a você, em pouco tempo, o que seus autores levaram anos para aprender. Separe um tempo diariamente para leitura, pois, conforme diz Salomão, devemos buscar a sabedoria como a prata e o conhecimento como os tesouros escondidos (WESLEY, 1831, vol. 6, p. 750).

Por vezes, Wesley mostra a si mesmo como exemplo, a fim de demonstrar que suas cobranças são exequíveis. Em seu prefácio aos *Sermons on several occasions*, Wesley deixou algumas informações que pareciam ser uma espécie de passo-a-passo usado por ele em seus estudos bíblicos.

Na Sua presença eu abro, **leio** o Seu livro. **Elevo meu coração** ao Pai das Luzes. Eu então procuro e considero passagens paralelas das Escritu-

ras, **comparando** coisas espirituais com espirituais. Eu **medito** nelas com toda a atenção e sinceridade de que minha mente é capaz. [...] **consulto** aqueles que são experientes nas coisas de Deus; e então os escritos pelos quais, estando mortos, eles ainda falam. E o que eu assim **aprendo**, isso eu **ensino** (WESLEY, 1984, vol. 1, p. 106).

Basicamente, ele descreve que o que antecede suas pregações seguem o fluxo comum da espiritualidade cristã de ler o texto bíblico (*lectio*) acompanhado de oração (*oratio*). É importante meditar (*meditatio*) no texto, analisando hermenêutica e exegeticamente. A comparação que faz de coisas espirituais com espirituais é uma menção de 1 Coríntios 2:13, que envolve a consulta aos mais experientes, mencionado pouco depois (*lectio estudo*). Todo esse processo, levava o experiente professor e clérigo anglicano a continuar aprendendo, para que, depois de adquirir e amadurecer tal conhecimento, ele pudesse repassar à sua audiência.

Considerações finais

John Wesley teve boas oportunidades de educação, começando com sua mãe, no lar, na escola onde foi bolsista e na universidade de Oxford, onde se graduou e obteve um mestrado. Em todo esse processo, ele aprendeu a aprender e valorizou a educação como parte integrante da socialização e da dignificação do ser humano. Como um leitor ávido, leu de tudo o que podia, desde assuntos filosóficos, históricos, geográficos até teológicos. Educação não escapou de suas leituras críticas. A experiência também contou bastante na construção epistemológica educacional que esse clérigo anglicano desenvolveu. Tudo isso certamente está alinhado com o quadrilátero wesleyano: Escrituras—Tradição—Razão—Experiência.

Wesley não leu apenas as obras. Ele leu o mundo ao seu redor. Leu as desigualdades, as injustiças, as inacessibilidades, as crueldades e tantas coisas que poderiam desanimar seus objetivos educacionais. Ao invés de desistir, sonhou em educar. Assim, pôde contribuir com a formação da escola em Kingswood, alcançando crianças e ensinando-as acerca da espiritualidade e da cidadania. Princípios similares também foram aplicados na educação de adul-

tos. Muito trabalho foi feito. É claro que, no espaço tempo da Inglaterra do século XVIII, muito do que ele pensava sobre educação dialogou com seu contexto. Certamente, alguns princípios mais disciplinados e metódicos não caberiam noutras culturas latino-americanas. Porém, a paixão dele para com a educação pode servir como um combustível para toda a tradição arminiana e pan-wesleyana (por que não evangélica?) dar continuidade ao labor educacional.

Referências

ALLESTREE, Richard. **The Whole Duty of Man [...] in The Works of the Learned and Pious Author of the Whole Duty of Man**. Oxford: Edward Pawlet, 1696.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

BAKER, Frank. **From Wesley to Asbury**: Studies in early American Methodism. Durham: Duke University Press 1976.

BATISTA, Gustavo Araújo. **Uma abordagem sobre o pensamento educacional e pedagógico de John Locke**. 2003. Dissertação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: Minas Gerais, 2003.

BAXTER, Richard. **The Saints' Everlasting Rest**. Boston: Perkins & Marvin, 1833.

BECKERLEGGE, Oliver A. The Hymn-book in Methodist Worship and Devotion. In: WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 7 – A Collection for the use of the People called Methodists. [editors: Franz Hildebrandt, Oliver A. Beckerlegge, James Dale]. Nashville: Abingdon Press, 1983.

BODY, Alfred H. John Wesley as an educationist. **Religion in Education**, v. 5, n. 3, 143-148, 1938.

COLLINS, Kenneth J. **John Wesley - a theological journey**. Nashville: Abingdom Press, 2003.

COMENIUS, Jan Amós. **A Escola da Infância**. [tradutor: Wojciech A. Kulesza]. São Paulo: UNESP, 2011.

COMENIUS, Jan Amós. **Didática Magna**. [tradutora: Ivone C. Benedetti]. São

Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

COMENIUS, Jan Amós. **Pampaedia (Educação Universal)**. [tradutor: Joaquim Ferreira Gomes]. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2014.

COUTO, Vinicius. “Ensinar a todos, todas as coisas, totalmente”: a pedagogia pansófica de Comenius e seu *telos* utópico. **Educação & Linguagem**, v. 25, p. 161-186, 2022.

COUTO, Vinicius. “O que é um arminiano?” Antigos e novos caminhos a partir do pensamento de John Wesley. **Reflexus**, Vitória, v. 17, n. 2, p. 473-493, ago.-dez. 2023a.

COUTO, Vinicius. **Depravação total**. Coleção arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2021.

COUTO, Vinicius. **Fé x obras**: ortodoxia e ortopraxia na teologia de John Wesley. São Paulo: Reflexão, 2018.

COUTO, Vinicius. O modelo educacional de John Locke. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 210-231, 2023b.

COUTO, Vinicius. **Quadrilátero wesleyano como método teológico e hermenêutico**: revisitação, adaptação e renovação. São Paulo: Reflexão, 2019.

DALLIMORE, Arnold A. **Susanna Wesley: The mother of John and Charles Wesley**. Grand Rapids: Baker Books, 1993.

FELTON, Gayle Carlton. John Wesley and the Teaching Ministry: Ramifications for Education in the Church Today. **Religious Education**, v. 92, n. 1, p. 92-106, Dec.-Feb. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HAMMOND, Geordan. **John Wesley in America**: Restoring Primitive Christianity. Oxford / New York: Oxford University Press, 2014.

HARPER, Steve. **John Wesley’s message for today**. Grand Rapids: Francis Asbury Press, 1983.

HEITZENRATER, Richard P. Santidade e ignorância esplêndida: Wesley e a educação. [trad. José Luís Corrêa Novaes]. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 12, n. 22, p. 69-88, jun. 2003.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. São Bernardo do Campo/ Rio de Janeiro: Editeo/Bennet, 1996.

HOLMES, Joel. **John Wesley and Religious Education in Eighteenth-Century England**. Virginia Beach: Regent University, 2016.

JARRELL, Charles C. **Methodism on the March**. Nashville / Dallas: Publishing House of the M. E. Church, South, 1927.

KIRK, John. **The mother of the Wesleys: a biography**. Londres: Henry James Tresidder, 1864.

LEE, Beatrice Dzun. **The religious educational work of John Wesley**. Boston: Boston University, 1920. Dissertação de Mestrado.

LELIÈVRE, Mateo. **João Wesley: sua vida e obra**. São Paulo: Vida, 1997.

LOCKE, John. **Alguns pensamentos sobre a educação**. [trad. Madalena Requiça]. Lisboa: Edições 70, 2019.

MADDOX, Randy (Ed.). **Hymns for Children (1787)**. Durham: Duke Center for Studies in the Wesleyan Tradition, 2017.

MARQUARDT, Manfred. **John Wesley's Social Ethics: Praxis and Principles**. Nashville: Abingdon Press, 1992.

MARRIOTT, C. W. John Wesley and his significance as an educator. **Religion in Education**, v. 10, n. 1, p. 13-16, 1942.

MCELWAIN, Randall. "No Room For Mirth Or Trifling Here": Theological and Spiritual Instruction in Charles Wesley's Hymns for Children. **Evangelical Theological Society**, Atlanta, 67th Annual Meeting November 17, p. 1-19, 2015.

MEALEY, Mark T. Tilting at Windmills: John Wesley's Reading of John Locke's Epistemology. **Bulletin of the John Rylands Library**, v. 85, n. 2-3, p. 331-346, 2003.

MILLER, Basil. **John Wesley: the extraordinary little man who spearheaded England's greatest spiritual awakening**. Bloomington: Bethany House Publishers, 1943.

NEWTON, John A. **Susanna Wesley and the Puritan Tradition in Methodism**. London: Epworth, 1968.

ODEN, Thomas C. **Ensinos de John Wesley**, vol. 1 – Deus e providência. [trad. Vinicius Couto]. São Paulo: Reflexão, 2021, p. 38.

ODEN, Thomas C. **Os ensinamentos de John Wesley**, vol. 3 – Teologia pastoral. [trad. Vinicius Couto]. São Paulo: Reflexão, 2021.

OLIVEIRA, Clory Trindade de. Aspectos da filosofia educacional de John Wesley. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 12, n. 22, p. 69-88, jun. 2003.

OUTLER, Albert. Introduction: in: **Works of John Wesley**, vol. 1 – Sermons I: 1-33. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1984, p. 1-102.

PEREIRA, Meira Chaves. Educação e didática em Comenius. **Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria**, v. 9, n. 2, p. 104-115, 2016.

PORTER, Roy. **English Society in the 18th Century**, Revised Edition. London: Penguin Books, 1991.

PRINCE, John W. **Wesley on religious education: A study of John Wesley's theories and methods of the education of children in religion**. New York / Cincinnati: The Methodist Book Concern, 1926.

RYAN, Linda A. **John Wesley and the Education of Children: Gender, Class and Piety**. Abingdon: Routledge, 2018.

SILVESTRE, Gláucia Mendes Oliveira. **A educação metodista e seus modelos pastorais**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2014. Dissertação de mestrado.

SOUZA, José Carlos de. As várias edições dos sermões de John Wesley. **Revista Caminhando**, v. 9, n. 2 [14], p. 120-129, jul.-dez. 2004.

TOWNS, Elmer L. John Wesley and religious education. **Religious education**, v. 65, n. 4, p. 318-328, 1970.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WALLACE JR., Charles. Introduction on Education my family. In: WESLEY, Susanna. **Susanna Wesley: The Complete Writings**. [editor: Charles Wallace Jr.]. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997.

WESLEY, Charles. **Hymns for Children**. Bristol: E. Farley, 1763.

WESLEY, Cindy. What have the sermons of John Wesley ever done for us? John Wesley's sermons and Methodist doctrine. **Holiness: The Journal of Wesley House Cambridge**, v. 1, n. 1, p. 131-140, 2015.

WESLEY, John. A plain account of the Kingswood School. In: _____. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 7. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831, p. 336-344.

WESLEY, John. A short account of the school in Kingswood, near Bristol. In: _____. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 7. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831, p. 332-336.

WESLEY, John. A short history of the people called Methodists. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 9 – The Methodist Societies: History, Nature, and Desing. [editor: Rupert E. Davies]. Nashville: Abingdon Press, 1989.

WESLEY, John. A Thought on the Manner of Educating Children. In: _____. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 7. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831, p. 458.

WESLEY, John. An address to the clergy. In: _____. **The Works of the Rev. John Wesley**, vol. 10 - Tracts, accounts and extracts. Bristol: William Pine, 1772, p. 128-132.

WESLEY, John. **Arminian Magazine**: Consisting of extracts and original treatises on universal redemption, vol. 1. London: J. Fry & Co., 1778.

WESLEY, John. Breve historia del pueblo llamado metodista. In: _____. **Obras de Wesley**, vol. 5 – Las primeras sociedades metodistas. [editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1996, p. 271-372.

WESLEY, John. **Instructions for children**. [editor: James T. Reuteler]. Aurora: Covenant Bible Studies, 2012.

WESLEY, John. **Lessons for Children**. [s.l.]: Gale Ecco, Print Editions, 2010.

WESLEY, John. Manuscript Journal. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 18 – Journal and Diaries I (1735-1738). [editor: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1988, p. 312–571.

WESLEY, John. **Minutes of the Methodist Conferences, from the First, Held in London, by the Late Rev. John Wesley, A.M., in the Year 1744**, vol. 1. London: John Mason / Wesleyan Conference Office, 1862.

WESLEY, John. **Obras de Wesley**, vol. 11 – Diários, Tomo 1. [editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1998.

WESLEY, John. **Obras de Wesley**, vol. 12 – Diários, Tomo 2. [editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1998.

WESLEY, John. **Obras de Wesley**, vol. 13 – Cartas, Tomo 1. [editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1998.

WESLEY, John. **Obras de Wesley**, vol. 14 – Cartas, Tomo 2. [editor: Justo González]. Henrico: Wesley Heritage Foundation, 1998.

WESLEY, John. Preface. In: _____. **Works of John Wesley**, vol. 1 – Sermons I: 1-33. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1984, p. 103-108.

WESLEY, John. Remarks on the State of Kingswood School. In: _____. **The Works of the Rev. John Wesley**, vol. 13. Bristol: William Pine, 1772, p. 344-345.

WESLEY, John. Remarks upon Mr. Locke's 'Essay on human understanding'. In: _____. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 7. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831, p. 445-452.

WESLEY, John. Sermon 87 – The Danger of Riches. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 3 – Sermons III: 71-114. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1986, p. 227-246.

WESLEY, John. Sermon 94 – On family religion. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 3 – Sermons III: 71-114. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1986, p. 333-346.

WESLEY, John. Sermon 95 – On education of children. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 3 – Sermons III: 71-114. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1986, p. 347-360.

WESLEY, John. Sermon 96 – On obedience to parents. In: _____. **The Works of John Wesley**, vol. 3 – Sermons III: 71-114. [editor: Albert Outler]. Nashville: Abingdon Press, 1986, p. 361-372.

WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 18 – Journal and Diaries I (1735-1738). [editor: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1988.

WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 19 – Journal and Diaries II (1738-1743). [editor: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1990.

WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 20 – Journal and Diaries III (1743-1754). [editor: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1991.

WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 21 – Journal and Diaries IV (1755-1765). [editor: W. Reginald Ward e Richard P. Heitzenrater]. Nashville: Abingdon Press, 1992.

WESLEY, John. **The Works of John Wesley**, vol. 26 – Letters II: 1740-1755. [editor: Frank Baker]. Oxford: Clarendon Press, 1982.

WESLEY, John. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 6. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831

WESLEY, John. **The Works of the Reverend John Wesley**, vol. 7. [editor: John Emory]. New York: J. Emory and B. Waugh, 1831.

WESLEY, John; WESLEY, Charles. **Hymns and Sacred Poems**. Bristol: Felix Farley, 1742.

WESLEY, Susanna. A brief Exposition on the Ten Commandments. In: _____. **Susanna Wesley: The Complete Writings**. [editor: Charles Wallace Jr.]. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 408-424.

WESLEY, Susanna. A Religious Conference. In: _____. **Susanna Wesley: The Complete Writings**. [editor: Charles Wallace Jr.]. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 425-461.

WESLEY, Susanna. On educating my family. In: _____. **Susanna Wesley: The Complete Writings**. [editor: Charles Wallace Jr.]. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 367-376.

WESLEY, Susanna. The Apostle's Creed Explicated. In: _____. **Susanna Wesley: The Complete Writings**. [editor: Charles Wallace Jr.]. New York / Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 377-407.

ZIOLI, Cláudio Ferraz. **Religião e educação no pensamento de John Wesley (1703-1791)**. Universidade Estadual De Maringá. Centro De Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa De Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado, Maringá, 2015.